

O GALO

JORNAL CULTURAL - ANO IX - Nº 01 - NATAL/JAN/1997

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO / DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA DO RN



Dieta literária

Duas obras de fundamental interesse para a divulgação da literatura norte-riograndense são discutidas nesta edição inaugural de "O Galo" em 1997.

A primeira é uma antologia assinada pelas professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte que recompõe cronologicamente nossa produção literária desde suas primeiras manifestações, isto é, desde Nísia Floresta, até os dias de hoje. Trata-se da primeira compilação sistemática das letras potiguaras, com abertura de verbetes biográficos e bibliográficos e seleção representativa de cada autor.

A segunda, "A Poesia do Rio Grande do Norte no Século XX", preparada pelo crítico piauiense Assis Brasil para a editora Imago, é o assunto de entrevista nesta edição.

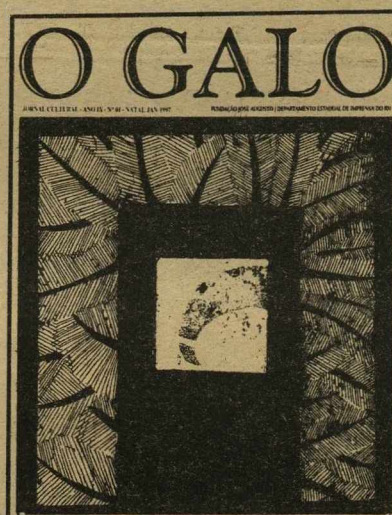
O conto fantástico merece um destaque especial no número de janeiro de "O Galo". As obras são assinadas por Nilson Patriota, Josimey Costa e pelo estreante Manoel Marques da Silva Filho. A poesia também está bem representada. O poeta Franco Jasiello dá início à publicação de traduções de poetas gregos clássicos, começando por Safo, de Lesbos; a poetisa Nivaldete Ferreira publica quatro poemas inéditos com ilustrações também de sua autoria; do poeta paraibano Hildeberto Barbosa Filho "O Galo" publica o poema "Para ser dito em ritmo de monólogo". O poema faz parte do livro "O Exílio dos Dias", e pode servir de carta de apresentação desse poeta infelizmente ainda pouco conhecido no Rio Grande do Norte.

O ensaísmo também se faz presente neste número, com trabalhos de Jarbas Martins, Gutemberg Costa e Anchieta Fernandes, o que compõe um mosaico eclético de poesia, ficção e ensaio, receita equilibrada para uma dieta carnavalesca à base de letras.

O Editor

Índice

Letras potiguaras.....	03
Para ser dito em ritmo de monólogo.....	05
Poesia sem Gueto.....	06
Permanência dos Líricos Gregos(Partel).....	07
Como Franklin Jorge Ri.....	11
Lançamentos da FJA.....	12
A Procissão.....	14
Demônios Comuns.....	16
Cinema Rex - Quem se lembra?.....	17
Cardo Grosso.....	19
Quatro Poemas.....	20
Museólogos Populares(Parte I).....	22



Capa: Trabalho do artista plástico Carlos Humberto Dantas - Gravura em Metal(água tinta/ponta seca)

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO

Governador

WODEN MADRUGA

Presidente da Fundação José Augusto

NELSON PATRIOTA

Editor

TÁCITO COSTA

Redator

AUCIDES SALES

Ilustrador e tráfego

Editoração Eletrônica

BRÍGIDA MAFRA E

SOCORRO SOARES

Departamento Estadual de Imprensa

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL

Assessor de Comunicação Social

ARLINDO DE MELO FREIRE

Diretor-Geral

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

Letras potiguanas



Constância Lima Duarte

As professoras
Constância Duarte
e Diva Cunha
analisam e
sistemizam,
numa antologia
crítica, quase
200 anos
de produção
literária no Rio
Grande do Norte



Diva Cunha

Qual o futuro de uma literatura cujas principais obras estão esgotadas há anos, devido a suas baixas tiragens, e que, por isso, são ignoradas ou desconhecidas pelas grandes editoras nacionais? Como falar de uma literatura cuja história ainda não foi sistematizada devidos aos motivos já citados, e que, no entanto, é prevista como disciplina curricular dos cursos de 2º grau, e estudada regularmente nos cursos de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, e a Unipec? O que fazer para tornar mais leve a tarefa do professor que se decida por essa disciplina? Estes são alguns problemas que as professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte, ambas com marcante passagem pelo Departamento de Letras da UFRN, onde ministraram esta e outras disciplinas correlatas, têm se defrontado, com uma insistente regularidade nos últimos dez anos, sem no entanto encontrarem resposta. E para que estas questões não fossem transformadas numa espécie de herança maldita das próximas gerações docentes do Estado, decidiram

enfrentar o desafio que se haviam proposto há uma década. Para isso, não mediram esforços na caça às fontes primárias do projeto: as edições originais dos chamados clássicos norte-rio-grandenses, isto é, aqueles autores consagrados pelo distanciamento crítico e seleção de pelo menos duas gerações. E levantaram os nomes que, juntos, compõem o painel mais vasto e sistemático já feito até hoje das letras potiguanas. O resultado desse trabalho, intitulado "Antologia da Literatura do Rio Grande do Norte", será tornado público até meados deste semestre, caso o patrocínio do Profinc - o programa municipal de incentivo à cultura -, seja formalizado nas próximas semanas, viabilizando, assim, a publicação da obra. Em entrevista exclusiva ao editor de **O Galo**, jornalista Nelson Patriota, as professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte expuseram alguns aspectos desse trabalho, falaram de suas dificuldades, e anteciparam alguns dos seus objetivos.

ENTREVISTA

O Galo - Quantos autores compõem a "Antologia da Literatura do Rio Grande do Norte"?

Constância Lima Duarte - A "Antologia" vai de Nísia Floresta, isto é, de 1810, até a atualidade, obedecendo ao critério de nascimento dos seus 75 autores, entre poetas e prosadores.

O Galo - Qual a principal finalidade da "Antologia"?

Diva Cunha - O trabalho tem finalidade principalmente didática, dar uma contribuição à divulgação da literatura do Rio Grande do Norte, de modo a facilitar o trabalho do professor que queira trabalhar com essa disciplina.

O Galo - O que distingue a "Antologia da Literatura do Rio Grande do Norte" de outras obras análogas, como as de Ezequiel Wanderley, de 1922, e de Rômulo Wanderley, de 1965, e mesmo as recentes "Um dia, a Poesia", e "Poesia Circular", lançadas no ano passado?

Diva Cunha - Em primeiro lugar, as antologias de Ezequiel e Rômulo Wanderley são meramente quantitativas. O

próprio Rômulo Wanderley confessa, no prefácio a seu trabalho, que não estabeleceu critérios de seleção. Outra coisa é que a antologia reunida por Rômulo Wanderley é mera continuação ou atualização da de Ezequiel, sendo que cada poeta é representado por um único poema. Este critério também permeia o das antologias "Um Dia, a Poesia" e "Poesia Circular". Para nós, trata-se de um critério muito limitativo, uma vez que nivela todos os poetas, ao mesmo tempo que impede uma visão mais substancial de sua obra.

O Galo - O que distingue a "Antologia" das coletâneas anteriores?

//

O Rio Grande do Norte pode abrir mão de uma escritora da importância de Nísia Floresta?

//

Constância Lima Duarte - Nosso trabalho, além de ter intenção de proporcionar uma visão sistemática, cronológica, da literatura potiguar, vai permitir uma visão mais eclética de cada autor, uma vez que eles serão representados, no caso dos poetas, por entre seis e dez poemas; os romancistas terão pelo menos um capítulo de seu romance reproduzido. Cada autor será apresentado individualmente através de um verbete biobibliográfico.

O Galo - Quais os critérios adotados na feitura da "Antologia"?

Diva Cunha - Nossa primeira preocupação foi com a literariedade dos textos: estabelecer o que tem valor, o que é significativo para a nossa literatura. Outra preocupação é com a discussão dos critérios, a sistematização, e propomos - é uma das novidades do livro - uma divisão de períodos literários, bem como a discussão dos critérios de naturalidade, ou seja, quem é daqui mas publica fora, pertence ou não à nossa literatura? O Rio Grande do Norte pode abrir mão de uma escritora da importância de Nísia Floresta? E embora ela tenha nascido aqui, sua obra foi toda publicada fora, e mais: boa parte em língua estrangeira. Se não pertencer à nossa literatura, a que literatura pertenceria Nísia Floresta? Eulício Farias de Lacerda e Francisco Sobreira, dois ficcionistas dos mais importantes, também são discutidos. O primeiro nasceu na Paraíba, e o segundo é cearense. A que literatura pertencem? Estas são questões que tentamos responder no nosso trabalho.

O Galo - Que novidades a "Antologia" reserva para os seus futuros leitores?

Diva Cunha - Com exceção dos nomes que se repetem habitualmente nas antologias, como Jorge Fernandes, Ferreira Itajubá, Lourival Açucena, Auta de Souza - o resto é tudo novidade para o leitor não especializado, o qual é visado por nós.

Constância Lima Duarte - Houve casos, no decorrer da pesquisa iniciada há dois anos, que encontramos obras dispersas em jornais e revistas literárias. É o caso de Adèle de Oliveira, uma ceará-mirinense nascida em

1884. Encontramos 60 poemas dela em jornais e revistas daqui, do Recife, do Rio de Janeiro. Poetisa bem da época, neo-romântica, peculiaridade da poesia feminina no Rio Grande do Norte do seu tempo, defasada esteticamente quando comparada com a poesia produzida pelos homens. Pensamos que ela merece ter seus poemas publicados em livro, o que não conseguiu em vida.

O Galo - Que expectativa vocês têm acerca da "Antologia da Literatura do Rio Grande do Norte"?

Constância Lima Duarte - Esperamos que nossa antologia contribua para um trabalho de sistematização da tradição literária no Estado ao longo de quase dois séculos, bem como da divulgação de autores como Adèle de Oliveira, Angelina Macedo, Ana de Lima, Isabel Gondim, entre outros, que merecem ser melhor conhecidos. Para isso, estamos publicando junto com a antologia um roteiro dirigido ao professor, com propostas de atividades para serem feitas em sala de aula. Com isso, esperamos atender a demanda de estudos de literatura do Rio Grande do Norte entre

//

Uma das coisas de que mais se ressentem o Rio Grande do Norte é a falta de uma crítica literária

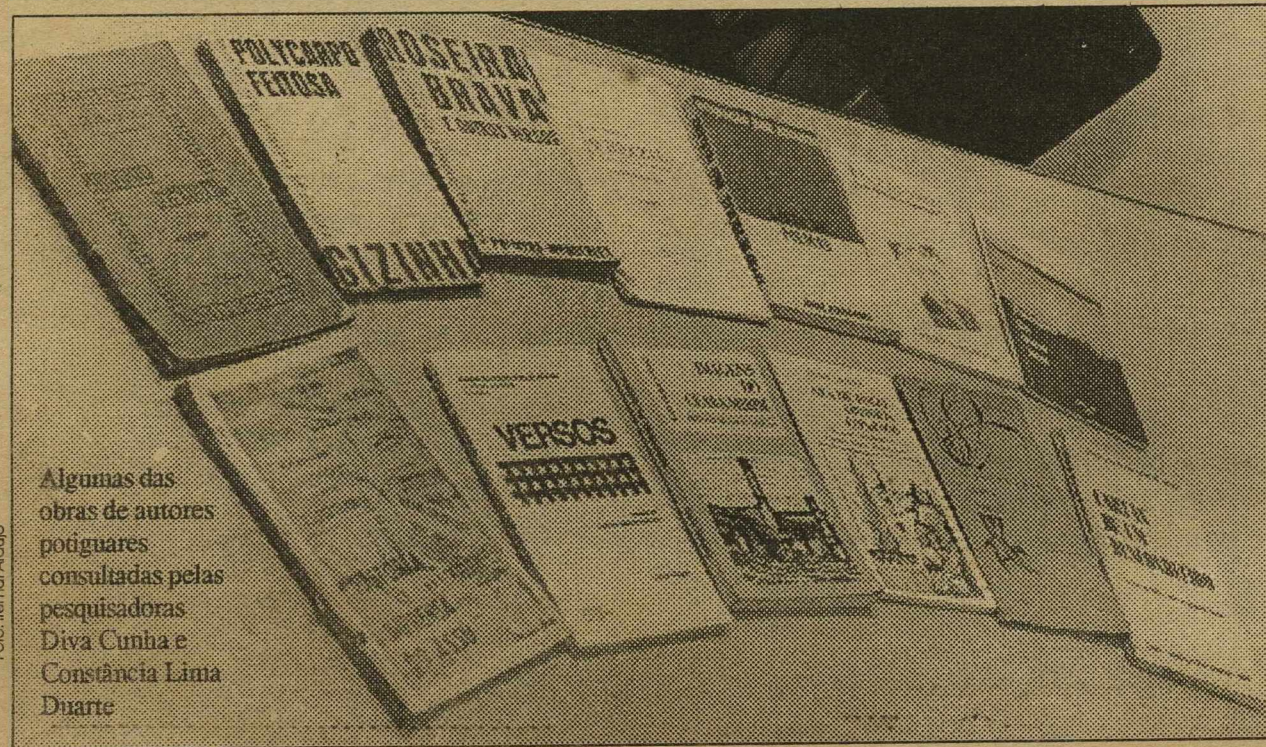
//

professores de 2º e 3º graus.

O Galo - Qual a maior dificuldade encontrada no curso da pesquisa bibliográfica?

Diva Cunha - A maior dificuldade foi localizar os livros. É que a literatura norte-rio-grandense é uma literatura esgotada, por isso é de extrema importância projetos como o da Biblioteca Potiguar, lançado no final do ano pela Fundação José Augusto e que pretende reeditar os nossos autores clássicos.

Outra questão colocada por mim e Constância na "Antologia" é a discussão do lugar que a nossa literatura ocupa no todo da literatura brasileira. Somos um pedaço dessa literatura mas pouquíssimos autores nossos se projetaram nacionalmente. A partir da "Antologia"



Algumas das obras de autores potiguares consultadas pelas pesquisadoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte

esperamos que nossa literatura seja mais divulgada, tornada mais evidente. **O Galo** - Qual a previsão de publicação da "Antologia"?

Constância Lima Duarte - O trabalho foi levado ao Profinc para apreciação dos seus conselheiros visando patrocínio para publicação no ano passado. Chegou a ser relatado, mas esbarrou num problema quantitativo-burocrático: tínhamos feito orçamento para uma tiragem de 3 mil exemplares, mas como o Profinc tem por norma patrocinar edições de no máximo 1 mil exemplares, os conselheiros pediram outro orçamento para 3 mil exemplares e deixaram a decisão para os novos conselheiros. Achemos, porém, que uma obra como a "Antologia", cuja demanda curricular é enorme, não pode ter tiragem inferior a 3 mil exemplares, sob pena de não atingir suas finalidades. Esperamos que essa situação particular seja considerada pelos novos conselheiros do órgão municipal.

O Galo - Que avaliação se pode fazer da literatura norte-rio-grandense?

Diva Cunha - Acho que a literatura norte-rio-grandense ainda está em fase de aperfeiçoamento, com raras e honrosas exceções. Ainda estamos no meio do caminho. O caso Jorge Fernandes é um cometa que corta os céus do Rio Grande do Norte e você não consegue estabelecer uma ponte entre o que veio antes dele e depois. A literatura é o resultado de longo aprendizado. É necessário que todos que escrevem conheçam bem a literatura do Estado e a literatura do Brasil. Infelizmente, alguns estão preocupados mais com a *mise en scène*, sem muita profundidade. Existe ainda o problema da literatura estar esgotada. Você passa uma pesquisa para os alunos, eles ficam desesperados: onde encontrar os livros? Finalmente, uma das coisas de que mais se ressentem o Rio Grande do Norte é a falta de uma crítica literária, e sem isso não se tem uma avaliação, um parâmetro. O problema é que muita gente confunde crítica literária com uma coisa pessoal, e isso leva pessoas que têm capacidade crítica - Paulo de Tarso, Jarbas Martins, Luís Carlos Guimarães etc - a ficarem temerosas de emitir suas opiniões. Para o autor - digo com experiência própria - é uma coisa superimportante: você fica indócil esperando saber a opinião da crítica. E é preciso ter humildade para ouvir.

Para ser dito em ritmo de monólogo

Hildeberto Barbosa Filho

Vou deixar de ser infeliz
como os que dizem: felizes
para sempre.

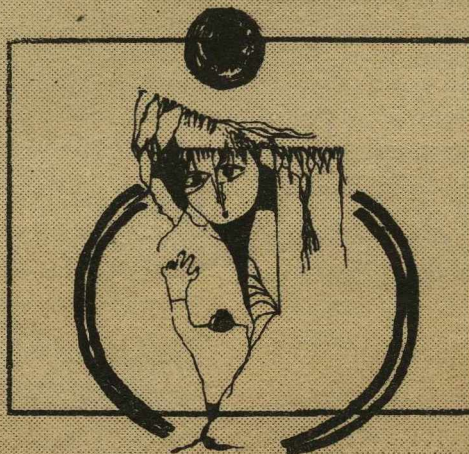
O asfalto tem a sua razão de ser,
mas não devo esquecer
de pôr os meus dedos nas feridas
da terra.

Ainda bem
que a vida não tem lógica.
Se o sol rasga o osso da manhã,
a noite desce abocanhando o mundo
como um tiro.

Sempre, no entanto, terei
tempo para amar as alfaces
de tua pele.

O corpo é a grande razão,
me dizem os bigodes de Nietzsche
e o sangue das primeiras espinhas.

Logo dei de beber,
de ouvir Bach, de me lembrar de ti
e me exilar neste amor que me levou
para o topo da alegria.



Foi exatamente aí
que descobri Amarcord
e agora volto aos sítios
da infância:

cavalos
córregos
campinas

Como não era a minha história
antes de tua vinda.

Fincado dentro de mim mesmo,
regendo os abutres da solidão.

Não sou Ulisses
para fazer o percurso de volta,
nem tenho a piedade de Enéias
para fundar um grande império.

Detesto a razão
e sei que a Grécia me deu
a bomba atômica, o Capital,
o Vietnã.
Como não era a minha história

Mas sempre, no entanto, terei
tempo para plantar os repolhos
do amor.

Vou deixar de ser infeliz
agora que o dia acaba
e vou pensar em ti.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário paraibano. Entre outras obras, publicou "A geometria da paixão", "O livro da agonia e outros poemas", "São teus estes boleros" e "O exílio dos dias". É desta última o poema "Para ser dito em ritmo de monólogo".

Poesia sem gueto

O crítico Assis Brasil apronta para a editora carioca Imago uma antologia com o melhor da poesia potiguar do século

Nas próximas semanas será traçado o destino de um projeto decisivo para a divulgação da poesia potiguar em âmbito nacional. Na opinião do escritor e crítico literário Assis Brasil, coordenador da coleção Poesia Brasileira, da Editora Imago, do Rio de Janeiro, não há alternativa razoável que não aquela que contemple o financiamento da antologia "A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX", a exemplo do que já aconteceu com idênticos projetos que resultaram na viabilização dos livros "A Poesia Piauiense no Século XX", "A Poesia Maranhense no Século XX", e "A Poesia Cearense no Século XX". Até o fim século, serão lançadas antologias poéticas de todos os Estados brasileiros.

Enquanto aguarda que empresas públicas ou privadas, ou ambas, se disponham a participar do projeto, o escritor piauiense dá os arremates na coleta do material para a obra. Até início deste mês, Assis Brasil já havia concluído 47 verbetes bibliográficos; até o término da pesquisa, ele espera selecionar algo em torno de 60 autores. Cada autor será representado por um mínimo de três poemas, com indicação das fontes, editora, local e data da publicação, ou seja, obedecendo ao mesmo rigor crítico que orientou as publicações anteriores da coleção Poesia Brasileira, da Imago. Para aparar as arestas nessa área, o escritor piauiense está sendo auxiliado pelo professor Carlos Newton Jr. e pelo poeta Aluizio Mathias.

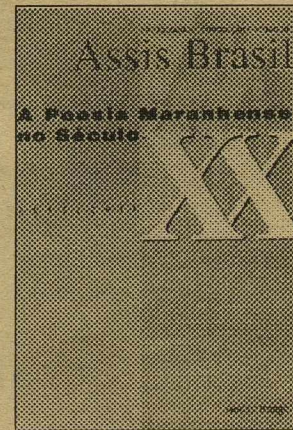
"Se a co-edição sair logo, o livro estará pronto entre abril e março deste ano, e faremos um lançamento festivo aí", antecipa o organizador.

Para não incorrer em riscos de omissão de nomes, Assis Brasil está mantendo intensa correspondência com poetas norte-rio-grandenses. Um importante assessor, nesta tarefa, é o escritor Manoel Onofre Jr., cujo livro "Ficcionistas do Rio

Grande do Norte" o credencia como fonte auxiliar importante, além do que, coincidência ou não, também está organizando uma antologia da poesia natalense contemporânea. O professor Tarcísio Gurgel, outro dedicado estudioso da nossa poesia, também colabora no projeto. Com isso, somado a um conhecimento anterior de outros autores potiguares, notadamente no campo da ficção, Assis Brasil já contatou com praticamente todos os poetas potiguares importantes da atualidade, incluídos aí os que se domiciliaram no eixo Rio-São Paulo, como Nei Leandro de Castro, Moacyr Cime, Dailor Varela, egressos do poema processo, e ainda a poetisa Clara Góes, e o poeta Fagundes de Menezes, que perfilam ao lado de nomes como Marize Castro, Jarbas Martins, Sanderson Negreiros, J. Medeiros, Luís Carlos Guimarães, Diva Cunha, Diógenes da Cunha Lima, Deífilo Gurgel, Paulo de Tarso Correia de Melo, João Gualberto, Avelino Araújo, João Batista de Moraes Neto, Falves Silva, Franklin Capistrano, etc.

Essa justaposição de novos e antigos, vanguardistas e não vanguardistas, poetas visuais e poetas verbais, não intimida de modo algum o experiente crítico piauiense, autor de quase uma centena de livros, sobre os mais diversos gêneros. - "Alguns críticos torcem o nariz diante da poesia visual, como a de Franklin Capistrano e Falves Silva, porque têm complexo com esse tipo de poesia", diz. E prossegue: "Mas na época da eletrônica, o poeta tem direito de fazer experiências. Sou um crítico aberto, a poesia tem uma evolução de forma, e este é um dos objetivos da antologia, mostrar a evolução estética e histórica da poesia de cada Estado", resume. Mas não resiste a fazer um reparo na sua própria afirmação: "o fato de ser vanguarda não quer dizer que essa poesia é superior às demais".

O projeto de conclusão de "A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX" esbarra, porém,



O crítico piauiense Assis Brasil já lançou três títulos da coleção "Poesia Brasileira", (acima dois deles) pela editora Imago.

No momento, prepara o volume reunindo a poesia norte-rio-grandense produzida ao longo dos últimos 97 anos.

numa dificuldade até agora não contornada: a recalcitrância de alguns poetas que, apesar de terem se comprometido a remeter o material solicitado para o organizador, até o momento não o fizeram. Por isso, mesmo que dispusesse já dos recursos financeiros para a edição, Assis Brasil teria que aguardar um tempo. - "Quero fechar a antologia neste mês de janeiro, mas para isso preciso receber o material de João da Rua (João Batista Moraes Neto), J. Medeiros, Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães, João Gualberto, Avelino Araújo, Paulo de Tarso Correia de Melo, Bosco Lopes. "Peço aos poetas que me mandem material, sua formação estética, cultural. Bosco Lopes, por exemplo, me mandou três linhas tiradas da antologia "Poesia Circular". Escrevi para ele brincando - sou meio gozador, confessa Assis Brasil -, mas ele não me respondeu ainda".

Na opinião de Assis Brasil, o aspecto mais relevante que envolve o projeto "A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX" é seu alcance nacional. "A tiragem da edição será entre 2 a 3 mil exemplares, menos do que isso não, porque faço questão de que a Imago, que tem uma experiência boa de distribuição,

fique com uma cota de 50 por cento para entrega em consignação nas livrarias de todo o País, enquanto os outros 50 por cento serão distribuídos no Rio Grande do Norte, através dos seus próprios autores e livrarias do Estado", adianta. Com essa estratégia, ele acha que serão atendidos os interesses mercadológicos e culturais, uma vez que a circulação da obra retirará os poetas potiguares do que classifica de "gueto cultural provinciano". Ele ressalva que a idéia de gueto cultural é relativa, uma vez que poetas como Nei Leandro de Castro, Moacyr Cime, Homero Homem, Clara Góes e Diógenes da Cunha Lima conseguiram extrapolar esse "gueto", se fazendo conhecer nacionalmente. Ao lado disso, ele destaca o fato de que o (ou os) co-editor(es) também será(rão) ressarcido do investimento com o patrocínio da obra, que ele calcula em torno de R\$ 25 mil, na medida em que a Imago fará prestação de contas semestrais, repassando-lhe uma cota do total arrecadado com as vendas.

Afora esses aspectos, Assis Brasil tem ainda uma confissão a fazer: "Estou tendo uma agradável surpresa com a qualidade e a beleza dos escritores potiguares", conclui.



Permanência dos Líricos Gregos

(Parte I)

Franco Jasiello

Quase vinte anos atrás, o poeta Diógenes da Cunha Lima, ouvindo uma improvisada tradução de um fragmento lírico de Estesícoro, feita por mim numa noite de cordialidade guardada pela memória que a amizade revive, exortava-me a traduzir os Líricos Gregos.

Seis anos depois, Diógenes Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a exortação foi renovada e reforçada com a afetuosa e sorridente frase: "Tenha vergonha!"

Chegou o momento de atender a exortação, fruto da generosidade proverbial do amigo Diógenes da Cunha Lima e é a ele que dedico este

trabalho, valendo-me da ajuda dos textos críticos do incomparável professor de grego e ensaísta Manara Valgimigli, poeta descobridor do significado da palavra *leukolexós*, usada por Homero na Odisséia, em relação a Nausícaa, isto é, *dos brancos braços*, e da extraordinária tradução italiana feita pelo poeta Salvatore Quasimodo, nascido na mítica Sicília, imersa na tradição helênica, dos fragmentos líricos organizados, em grande parte, a partir do estudo de restos de papiros, por Theodor Bergk, que os editou em Leipzig pela primeira vez em 1843 e, pela quarta, em 1878, sendo essa última coletânea, ainda incompleta e não refeita, portadora do título: *Poëtae Lyrici Graeci*.

A permanência poética dos Líricos Gregos (a palavra permanência é usada aqui com valor de atualidade, duração, importância e influência, direta ou não) é uma constatação objetiva a ser feita em relação à melhor poesia deste século e determina o absurdo das posições vanguardistas como forma de nova linguagem que, *a priori*, exclui qualquer outra e estabelece, biliosamente, a força do poema mongolóide em seu tartamudear, ajudado por imagens visuais ou, nos melhores casos, vale-se da imagem gráfica para substituir a incapacidade de formulação da imagem verbal (fato que poupa morfologia, sintaxe e léxico de múltiplas agressões e, principalmente poupa o incauto leitor), e cria verdadeiros profetas e papas de uma estética formalista

esquecida de que as verdadeiras vanguardas, as do início do século XX, especialmente o dadaísmo, tiveram o cuidado de desmitificar e desmistificar hipocrisias e crenças sociais que se refletiam nas opções estéticas, mas, logo em seguida, uma vez demonstrada a falácia do academicismo e "bom-mocismo", saíram de cena para evitar que os epígonos se transformassem naquilo que os das atuais vanguardas se transformaram: medíocres novos academicistas palavrosos, pedantes e, seja dita uma vez por todas, tão distantes da poesia quanto um balanço bancário.

A essencialidade, a economia verbal, a riqueza de imagens, a busca da palavra absoluta e, ao mesmo tempo, a solução rítmica contida na

extensão do verso que constrói seu conteúdo como um vértice aprofundando-se na carne do poema que Safo, Alceu, Anacreonte e outros gregos de dois mil e quinhentos anos atrás utilizam em suas líricas, podem ser encontradas nos grandes poetas de todos os tempos e nos dos nossos dias. De Rilke ao melhor D'Annunzio, de Mallarmé a Ungaretti, de Éluard a Murilo Mendes. De Quasimodo mediterrâneo e sensual ao desconfiado Drummond e ao católico Emílio Moura e, até, ao descarnado João Cabral de Melo Neto. De Manuel Bandeira e Joaquim Cardoso, na sua consciência do tempo como estação, ao místico e, talvez, mais ousado poeta brasileiro, Jorge de Lima. De T. S. Eliot e Ezra Pound a Ruben Dario e Garcia Lorca.

"
No relacionamento de Safo com suas amigas e discípulas nada há que possa ser condenado.
"

A primeira lírica a ser traduzida será, evidentemente, aquela de Safo, quer pela importância da tradição do nome, quer porque é, de certa maneira, a ordem a ser seguida de conformidade com os textos clássicos.

Valho-me, em parte, do ensaio de Manara Valgimigli sobre Safo, para desfazer, de imediato, aquele conceito burguês e obtuso, originário da malícia da comédia ática, que chegou até nossos dias, que descreve Safo como homossexual ciumenta e ávida por jovens das cândidas túnicas.

É preciso deixar bem claro que, até para os nossos preconceitos, nas palavras de Manara Valgimigli, "no relacionamento de Safo com suas amigas e discípulas nada há que possa ser condenado, pelo menos nos fragmentos líricos; e isso para nós deveria bastar".

De Safo sabe-se que era de família nobre, de provável origem troiana, que nasceu em Ereso ou em Mitilene, na ilha de Lesbos, onde viveu entre a segunda metade do século VII a. C. e a primeira do século VI a. C.

Para Safo eram enviadas meninas adolescentes de famílias ricas para que em Lesbos fossem educadas no canto, na dança, na poesia e na maneira de viver civil. A Safo recorria gente de todas as partes para que compusesse hinos aos deuses e cantos nupciais.

Sempre a comédia ática atribui a Safo muitos amores com vários amantes de ambos os sexos, fato explicável em vista do severo e tirânico costume ateniense em relação às mulheres, que considerava

escandalosas e lastimáveis a conduta e liberdade da mulher de Lesbos.

Antigas lendas atribuem a Safo uma violenta paixão por Faão e a interpretação dada por Catulo à famosa ode sáfica por ele traduzida parecem confirmar essas notícias junto com as do suicídio de Safo jogando-se da rocha de Lêucades.

Sabe-se que Safo foi casada e que teve uma filha, Cleide.

Da obra poética de Safo restam, basicamente, cento e setenta fragmentos, alguns de um só verso, sendo o hino A Afrodites o único poema inteiro e a sáfica, parcialmente traduzida por Catulo, quase inteira.

"
O universo poético de Safo é o dos jardins de ninfas, de primaveras, de amores, de himeneus.
"

O metro de Safo é o eólico -datílico, seu idioma o grego eólico e, apesar de - graças a Catulo e aos soberbos versos de Giacomo Leopardi, no poema "O Último Canto de Safo" - a poesia dessa mulher, julgada unanimemente a voz mais emocionada da lírica grega, ser considerada, ainda, por alguns leitores superficiais, como

poesia de amor e dor ou de amor e desespero, nada é menos verdadeiro. Safo dirigia um *thíasos*, isto é, um centro de aprendizagem de arte, como já foi visto, onde convivia com amigas, companheiras, discípulas (alguns nomes dessas jovens chegaram até nós, como Atides, Anatória, Gôngila, Dica), e enfrentava algumas rivais de

profissão, como Gorgo e Andrômeda, e contra essas rivais, às vezes, são dirigidos os versos ressentidos e ciumentos da mestra que é preterida por alguma de suas pupilas.

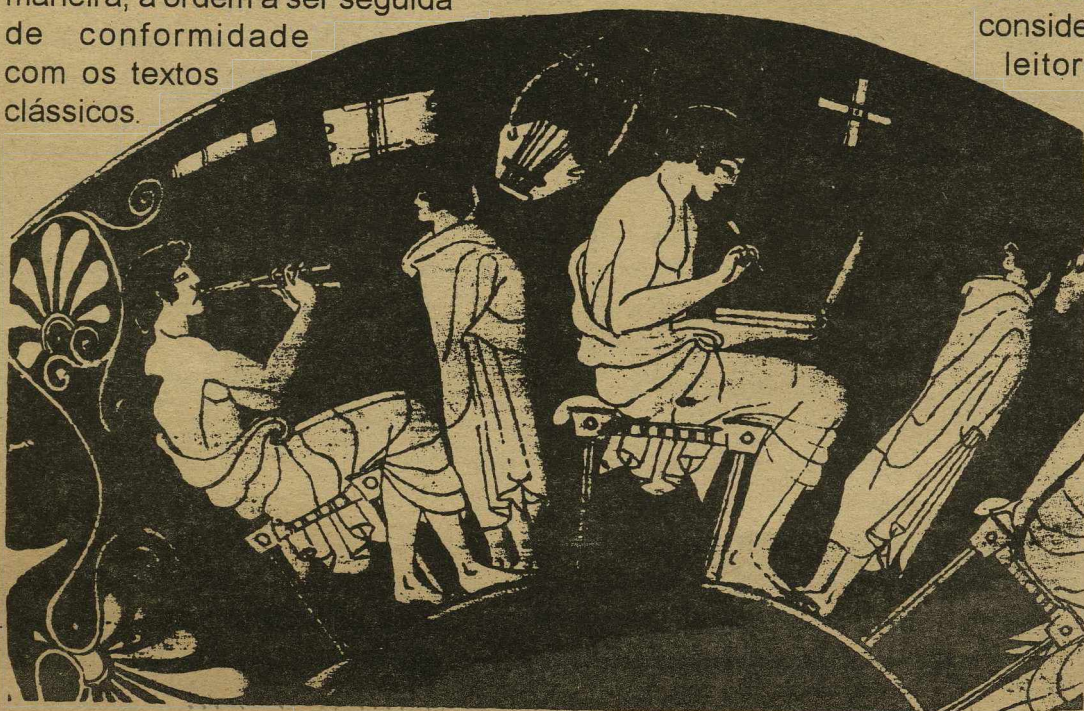
Impossível encontrar amor desesperado ou dor, em todos os seus aspectos, numa poetisa que se refere ao seu *thíasos*, dirigindo-se à filha Cleide, como "Casa das Musas onde não é lícito o pranto", e diz de si própria: "Amo a moleza e a elegância", e, ainda, considera as margens do Aquerontes, o rio do reino de Hades, num dia em que a assaltou o desejo da morte, "cobertas de flores de lótus e de orvalho".

O universo poético de Safo é o dos jardins de ninfas, de primaveras, de amores, de himeneus, de pássaros marinhos das largas asas, de acordo com o que disse o antigo retor Demétrius que tudo leu da poetisa de Lesbos.

No entanto, são de Safo estes versos admiráveis: "As estrelas ao redor da bela lua escondem seu luminoso rosto, quando cheia, em seu triunfo de prata, resplandece sobre toda a terra". Concordo com Manara Valgimigli quando diz que estes versos não têm igual em toda a poesia a não ser a *terzina* de Dante Alighieri "Como nos plenilúnios serenos".

Atualmente, após a descoberta de papiros, especialmente do rolo descoberto em 1914, temos, quase inteiras, após exaustivo trabalho de recuperação, nove ou dez poesias e cerca de quinhentos versos legíveis de Safo.

O único poema que, com certeza, chegou até nós na forma integral é o primeiro, evidentemente, a ser traduzido, o hino A Afrodites, em que Safo pede a ajuda da deusa para que convença uma jovem que a abandonou, não para casar-se, mas por capricho ou aliciamento de outra mestra de *thíasos*, a voltar junto dela.



A Afrodites

Safo

Ποιχیلóθρον' áθánατ'. 'Αφρόδιτα,
παί Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε,
μή μ'άσαισι μηδ' όνίαισι δάμνα,
πότνια, θύμον·

άλλά τυϊδ' έλθ', αί ποτα κατέρωτα
τās έμας αύδως αίοσα πήλομ
έκλυες, πάτρος δέ δόμον λίποισα
χρύσιον ήλθες

άρμ' ύπασδεύξαισα' κάλοι δέ σ'άγον
ώχες στρουθιοί περί γās μελαίνας
πύκνα δίνηντες πτέρ' άπ' ώράνωίθερος
διά μέσσω.

αίφα δ'έξίχοντο, σν δ', ώ μάκαιρα,
μειδιχισαίς' άθανάτωι πρωσώπωι
ήρε', όττι δηύτε πέπονθα κώττι
δηύτε κάλημμι

κώττι μοι μάλιστα θέλω γένεσθαι
μαινόλαι θύμωι. τίνα δηύτε Πείθω
μάισ' άγνη ές σάν φιλότατα, τίς σ', ώ
Ψάπφ', άδικήει;

καί γάρ αί φεύγει, ταχέως διώξει,
αί δέ δώρα μη δέκετ', άλλά δώσει,
αί δέ μη φίλει, ταχέως φιλήσει
κωύκ έθέλοισα.,

έλθε μοι καί νύν χαλέπαν δέ λύσον
έκ μερίμναν, όσσα δέ μοι τέλεσσαι
θύμος ήμέρρει, τέλεσον, σν δ'αύτα
σύμμαχος έσσο.



Imortal Afrodites do trono de flores
filha de Zeus, tu que teces enganos,
rogo-te, poderosa,
não me dobres a alma
com angústias e dor;

aqui vem. Outra vez ouvindo
minha voz de longe a prece
escutaste, e deixada a casa do pai
vieste no carro dourado.

Esbeltas ligeiras aves
trouxeram-te sobre a negra terra
agitando as densas asas no azul do ar.

E logo chegaram. E tu feliz
no sorriso do rosto imortal
perguntaste do meu novo padecer,
e o que mais eu suplicava.

E que mais desejava
na minha alma inquieta.
"Quem queres que Péito leve ao teu amor,
Safo? Quem te ofende?

Quem agora foge, logo irá a teu encalço,
quem não aceita presentes os oferecerá,
quem não te ama, mesmo não querendo,
por ti, logo terá amor".

Vem para mim também agora;
livra-me dos pesados tormentos,
aconteça aquilo que minha alma deseja:
ajuda-me, Afrodites.

σὺ δέ στεφάνοχ, ὦ Δίχα, παρθεοθ' ἐράτοις φόβαισιν
 δρπαχας ἀνήτω γν<α>έρραιο' ἀπάλαιοι χέροι' εὐάνθεα γὰρ
 πέλεται χαὶ Χάριτες μάχαια<ι>
 μᾶλλον ποτόρην, δοτεφανώτοισι δ' ἀπυοτρέφονται.

Ζά <τ'> ἐλεξάμαν ὄναρ, Κνπρογένηα

Πλήρης μέν ἐφαίνεται ἃ σλάν<ν>α'
 αὶ δ' ἄς περὶ Βῶμο ἐστάθησαν

Κρήσσαί νό χοι' ὥδ' ἐμμελέως πόδεσσιν
 ὄρχηνι' ἀπάλοιο' ἀμω' ἐρόενια βῶμον
 χοας τέρεν ἄτῳος μάλαχον μάτεισαι.

Καθνάισχει, Κυθηρ', ἄβρος' Ἄδωνις' τί χε θεῖμεν;
 χατιτύπτεσθε, χόραι, χαὶ χαταρειχεσθε χίθωνας.

οῖον τὸ γλυχύμολον ἐρεύθεται ἄχροχ ἐπ' θσδω,
 ιχρον ἐχ' ἄχροτάτωι λελάθοντο δὲ μαλοδρόπης,
 μανέχλσλάθοντ', ἄλλ' οὐχ ἐδύνατ ἐπίχεσθαι, τοῖοχ...>

οῖαν τὰν ὑάχινθον ἐν ὥρεσι ποίμενες ἄνδρες
 πόσσι ξαταστεῖβοισι χάμαι δὲ τε πόρφυρον ἄνχθος
 <.....>.

Ἔσπερε, πάντα φέρεις, ὅσα φαίνολις ἐσχέδασ' Αὔως,
 φέρεις οἶν,
 φέρεις ἱγα, φέρεις ἄπυ μάτερι παῖδα.

NOS LINDOS CABELOS PÔE GRINALDAS
 Nos lindos cabelos põe grinaldas, Dica,
 trançadas por ternas mãos com caules de aneto,
 porque as Cárites felizes recebem
 os que se adornam com flores: abandonam
 quem não tem grinalda

FALEI EM SONHO
 Falei em sonho contigo, Afrodites.

SOBRE A VIÇOSA ERVA APENAS NASCIDA
 Plena resplandecia a lua
 quando junto ao altar pararam:
 e as cretenses com harmonia
 sobre os leves pés começaram,
 felizes, a girar ao redor da ara
 sobre a viçosa erva apenas nascida.

MORRE O MEIGO ADÓNIS
 "Morre o meigo Adónis, Citérea: o que
 faremos?"
 "Longamente bateis no peito, meninas,
 e rasgais as vestes".

COMO DOCE MAÇÃ
 Como doce maçã que sobre alto
 ramo se avermelha, alta sobre o mais
 alto: a esqueceram os colhedores;
 não, não foi esquecida: inutilmente
 tentaram alcançá-la.

COMO O JACINTO
 Como o jacinto que nas montanhas os pastores
 pisam com os pés, e na terra a purpúrea flor
 sangra.

QUANTO DISSIPOU A REFULGENTE AURORA
 Éspero, tudo tornas a trazer quanto dissipou
 a refulgente aurora: trazes a ovelha,
 trazes a cabra, trazes o filho à mãe.

Como Franklin Jorge ri

Jarbas Martins

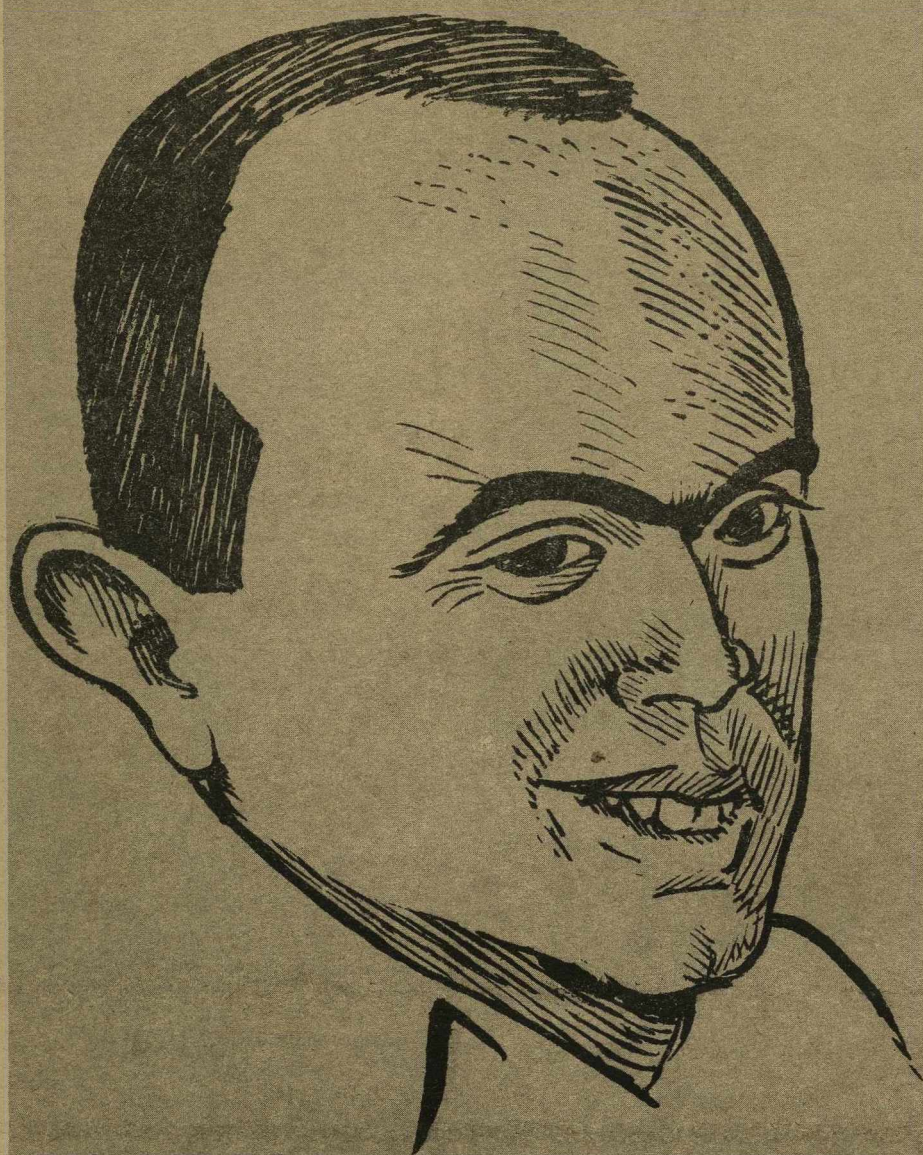


Ilustração: Aulides Sales

Franklin Jorge é, com certeza, o maior escritor que o Ceará Mirim já teve. Pertence, por similaridade, à família de Catulo, Rimbaud e Baudelaire.

Ri como Henri Heine ria. Mas pode nos evocar, talvez por contiguidade ou mera eventualidade geográfica, o poeta Juvenal Antunes, seu conterrâneo.

Os homens vulgares não sabem rir, diz-nos, recusando os trocadilhos fáceis e certos jogos verbais (tão ao gosto de algumas correntes poéticas). A estes prefere os sutis jogos do espírito, as finas percepções, o paradoxo metafísico.

Daí a origem desta reflexão:

"O prazer intelectual de rastrear no texto de um autor estimado as nossas leituras, as raízes de nossas predileções. Uma espécie de jogo estético, mais espiritual, que se desenvolve pela acuidade e a paciência"
Fantasmas Cotidianos (1996), pág. 6

A literatura, segundo uma definição muito sua, é uma inexaurível citação. A recorrência a tempos, lugares e textos diversos, oriunda de uma estranha polifonia proustiana, confere à sua obra um tom pós-moderníssimo. E mais: caracteriza-se - sinais do agônico tempo em que vivemos - pelo uso do pormenor, do fragmentário e por essa incessante busca da instabilidade.

Talvez sejam suas as palavras atribuídas ao escritor José Zanoto ou a seu heterônimo Krug Pilard:

"Me considero apenas a fragmentação de uma gênese impossível, de uma postura existencial díspar, viajando por entre contrastes que se fundem na existência humana. Exerço, com ele, uma atividade que resulta de um espírito cheio de vontade de criar e que, temeroso, tímido, não tem coragem de ser, ele próprio, o autor de meus/seus pensamentos. E vou levando, orgulhoso, o puro vazio dessa certeza inútil de não-ser"
Fantasmas, 25

Ao descrever os quadros de Sante Scaldaferrri projeta o seu próprio universo ficcional, limitado pelo sublime e pela hipérbole caricatural:

Sante Scaldaferrri não pinta quadros. Inventa-os, animado de uma verve feroz. Cria um imaginário sui generis. Revive os sáurios, os batráquios da humana espécie, os insetos de uma selva. Denuncia a negociata entre o empresário e o político governista. Esverrumba as máscaras. Mostra a volúpia sem tropeços. Arreganha o vício. Documenta os pesadelos. Classifica-os. Ordena-os. Disseca-os em vívidos verbetes pictóricos. Analisa e registra com desusada perversidade as sujícies arraigadas, compondo um enfadonho e inesperado prontuário de misérias.
Fantasmas, 22

Palavras quase se assemelham a um clip ou a um trecho de ópera neobarroca.

O aforismo e a linguagem coloquial-popular, o pastiche e o clichê verbal, retrabalhados, são habitualmente manipulados pelo autor, como se vê em inúmeros textos espalhados em seus livros. Senhor do seu ofício, Franklin Jorge sabe ir do chulo a uma citação erudita; do Sermo Vulgaris das esquinas ao estilo bem humorado de um Machado de Assis. Sem jamais fazer concessão às fórmulas corriqueiras, ao pedantismo ou ao pitoresco enjoativo.

Das ruas e dos salões de sua cidade preferirá sempre o retrato ao qual emprestou voluntariamente certos defeitos: desenquadramento, desfocagem, alteração de perspectivas. É que seus personagens não são seres fin-de-siècle. Natal não é a cidade do Natal, como o escritor Franklin Jorge não é o cidadão Franklin Jorge.

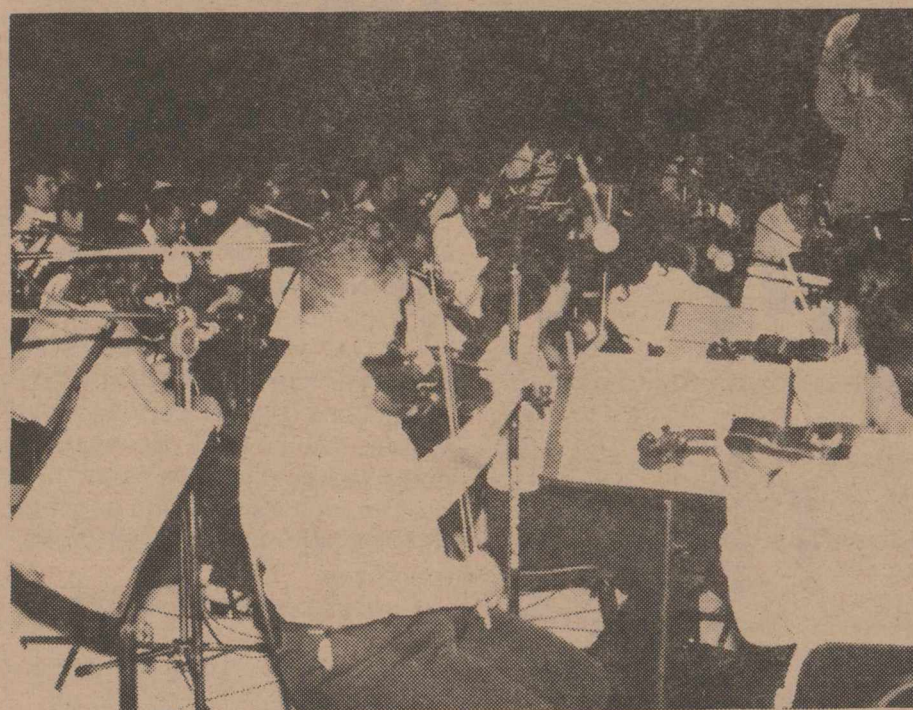
Parafraseando Marcial, outro latino, poderá dizer: *Minha página é histrionica. Minha arte e minha vida, não.*

Jarbas Martins é professor do curso de Comunicação Social da UFRN e autor de Contracanto (2ª edição) e 14 X 14.

Cerca de 500 pessoas participaram da grande festa literária, ocorrida no dia 27 de dezembro, no Espaço Cultural Palácio Potengi, que marcou o encerramento das atividades da Fundação José Augusto no ano de 1996. Com presenças de intelectuais de todo o Estado, foram lançados três livros e relançado o jornal cultural "O Galo" (publicado de 1987 a 1990, na primeira gestão do atual presidente da FJA, jornalista Woden Madruga). Um concerto popular, com peças de compositores potiguares, nacionais e internacionais, da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte deu o tom à festa.

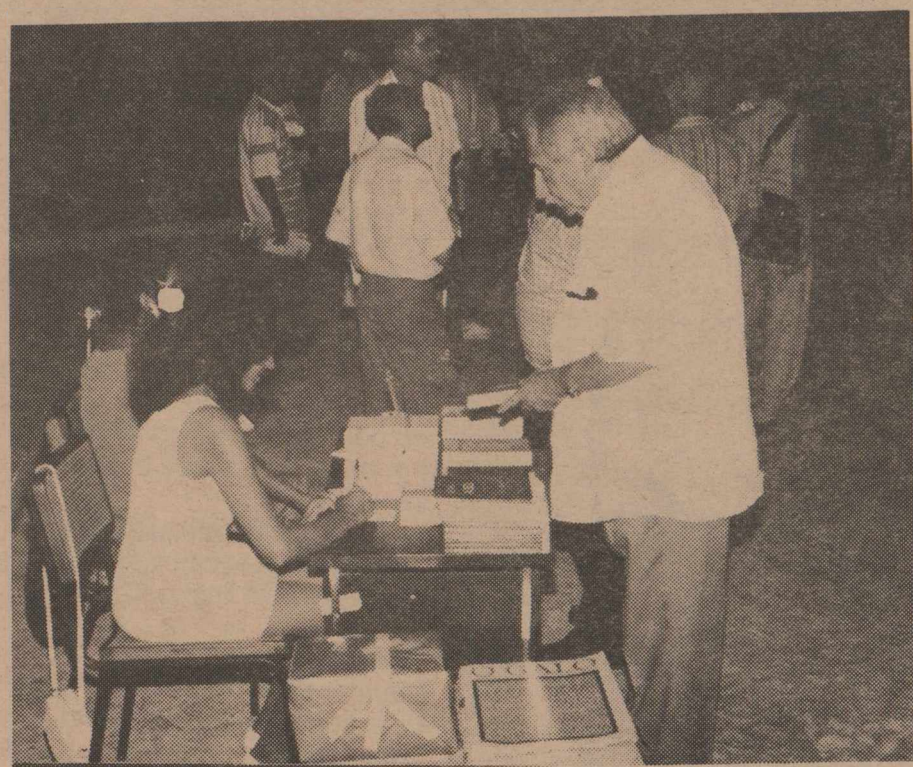
Os lançamentos fecharam com chave de ouro um ano literário profícuo, em que importantes autores potiguares editaram livros (Jarbas Martins, Diva Cunha, Moacir de Góis e Marize Castro, entre outros). Foram lançados os livros "O Fruto Maduro", do poeta Luís Carlos Guimarães, "Natal daqui a 50 anos", de Manoel Dantas e "Velhos Costumes do Meu Sertão", de Juvenal Lamartine, estes dois últimos póstumos.

"Velhos Costumes do Meu Sertão", de Juvenal Lamartine, abriu a Coleção Biblioteca Potiguar, que tem por objetivo editar os livros considerados



Concerto da Sinfônica animou a noite de lançamentos no Espaço Cultural Palácio Potengi

Foto: Fereia Filho



Leitores de todas as idades demonstraram interesse pelos novos trabalhos editados pela FJA

Foto: Fereia Filho

clássicos da literatura norte-riograndense. A Coleção tem capa padrão do publicitário e designer Marcelo Mariz. Esta segunda edição, fac-similar, está acrescida de 16 anotações feitas pelo escritor Oswaldo Lamartine, filho do autor.

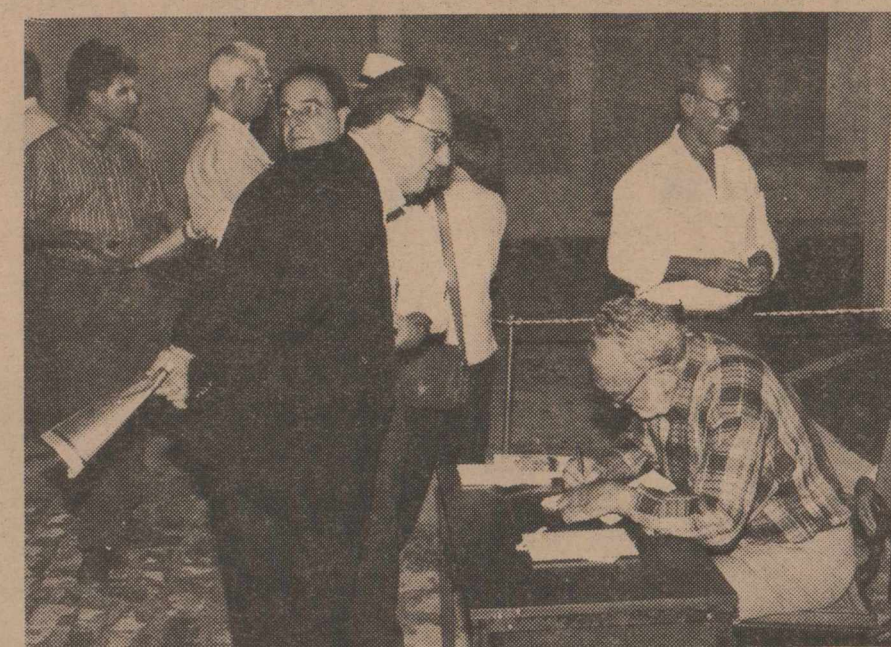
O livro resultou da reunião de artigos publicados nos últimos meses de 1954, no jornal Tribuna do Norte, ditados pelo autor aos seus familiares, por conta da deficiência na visão ocorrida na última fase de sua intensa vida

Foto: Paulo Oliveira

"O Galo" e três livros fecham com chave de ouro atividades culturais da FJA para 1996



A drag-queen enfrenta com obstinada concentração, captada no flagrante do fotógrafo Paulo Oliveira, o desafio de entender o estereograma de Marcelo Mariz, que compõe a capa do Galo. A propósito, a volta do Galo, em dezembro passado, foi recebida com festa pelos seus leitores, que se ressentiam, há tempos, de um veículo que documentasse e divulgasse com regularidade a nova produção literária potiguar, como ocorreu no passado recente. É este o seu maior desafio.



O poeta Luís Carlos Guimarães autografou seu novo livro de poemas, "O Fruto Maduro"

Foto: Fereia Filho



Muitos intelectuais prestigiaram os lançamentos de "O Galo" e de três autores potiguares

Foto: Fereia Filho

como político, homem público, intelectual e agropecuarista. Nos textos, Juvenal Lamartine faz uma biografia da nossa terra, com o conhecimento de sua vivência e amor ao Sertão.

Para o presidente da Fundação José Augusto, jornalista Woden Madruga, a Coleção é muito importante porque

vai resgatar os clássicos potiguares. "Obras que estão esgotadas e que por sua natureza não figuram no circuito comercial editorial, cabendo ao Estado reeditá-las", diz, aproveitando para lançar o que será uma das suas principais metas nos próximos dois anos que estará a frente da Fundação. "Vamos reeditar, ainda nesse

governo, as principais obras da geografia, da história, ficção e poesia do RN e alguns livros de Câmara Cascudo". Os próximos livros da Coleção Biblioteca Potiguar serão "Angicos", de Aluísio Alves e "Horto" da poetisa Aute de Souza.

Considerado um dos mais importantes poetas do Rio Grande do Norte, Luís Carlos Guimarães, detentor de vários prêmios literários, inclusive o "Prêmio Jorge Fernandes" (1994), pela obra "A Lua no Espelho", dado pela União Brasileira de Escritores, autografou no Espaço Palácio Potengi o seu oitavo livro, "O Fruto Maduro". O livro tem capa de Marcelo Mariz e ilustrações coloridas do artista plástico Assis Marinho. O último livro publicado pelo poeta tinha sido "A Lua no Espelho", de 1993. Luís Carlos tem também uma obra inédita, "118 Traições Bem Intencionadas", traduções de poetas latino-americanos e de Arthur Rimbaud.

Editado em parceria com o Sebo Vermelho, "Natal Daqui a 50 Anos", de Manoel Dantas, é uma plaquete contendo uma conferência dada pelo jornalista e escritor. O livro, com orelha de J. Medeiros e prefácio de Anchieta Fernandes, escrito no início do século, apresenta uma visão futurista do que seria Natal depois de 50 anos passados e traz também algumas fotografias antigas de Natal.

A PROCISSÃO

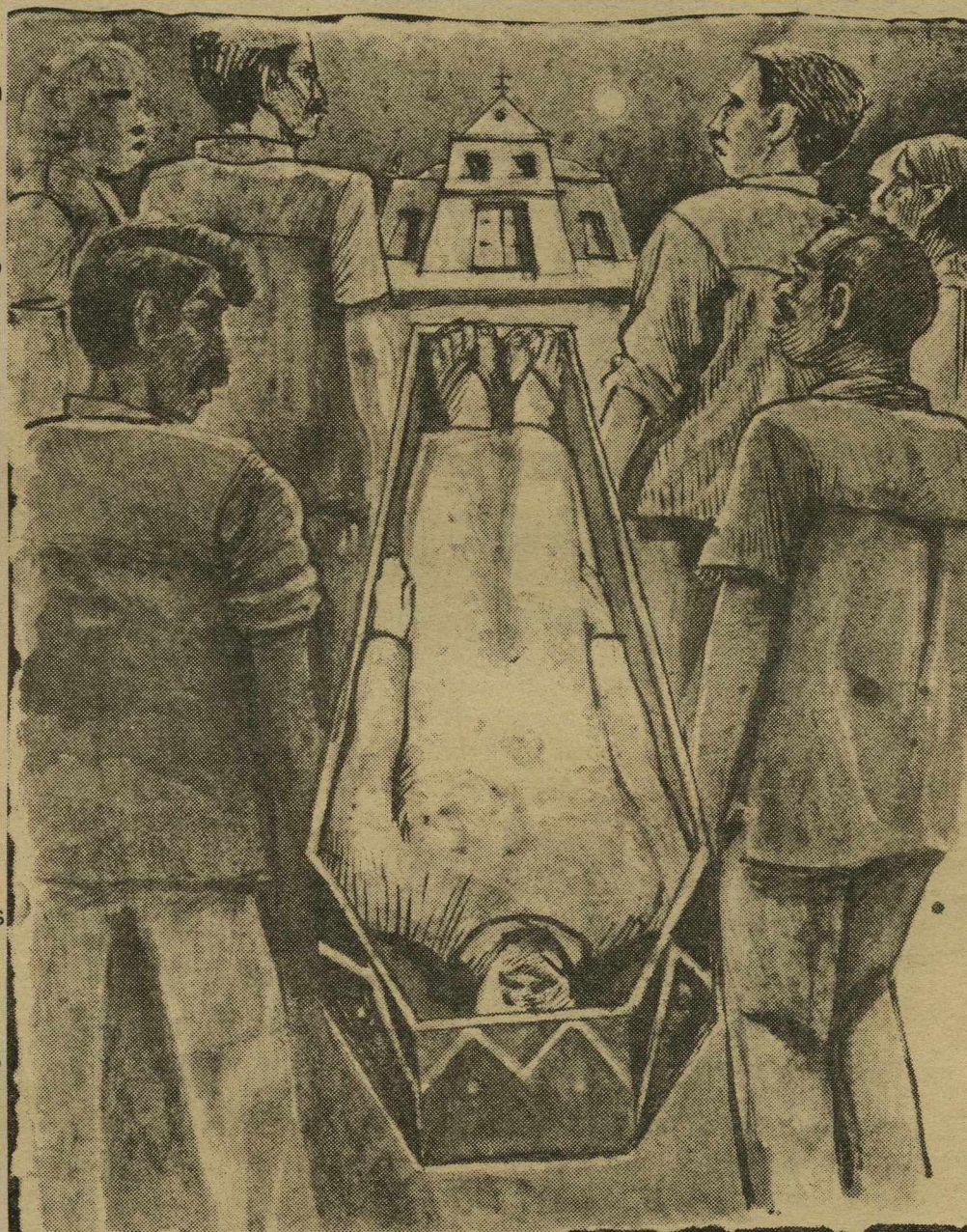
Nilson Patriota

Havia, naquelas noites de outrora, um quê de placidez estagnada, um taciturno langor, um mistério adejando no ar. Como uma lenta ruminação subterrânea, oriunda de tempos remotos, a voz do sobrenatural sussurrava no íntimo das almas supersticiosas e arredias. O mistério estava em tudo. Ora no farfalhar do vento na ramagem, ora no canto solitário da ave agoureira. Era também pressentido no rumor das vagas batendo, roendo, solapando as barreiras da costa.

Nas épocas de inverno, o vento noturno girava e rolava mumificado e frio, farfalhando nas palhas, agitando e dobrando o coqueiral. O sal marinho entranhava-se nas fibras mais ocultas dos nervos das pessoas, no pensamento e no coração dos marítimos. Diante dos vagalhões provocados pela ressaca, reunidos e inativos os pescadores alimentavam prolongados silêncios.

O mar bramia, como um touro raivoso. Nas trevas da noite, o sobrenatural fluía dos porões mais profundos, dançando e serpenteando no balouçar das árvores, dos arbustos. Quando o vento amainava, ficava no ar uma intensa sensação de vazio. Sem o bulício do vento, o calor se implantava, abafado, incômodo, oleoso. Uma inaudita e indefinida saudade de fatos jamais ocorridos, oprimia a ansiosa solidão de secas vidas que definhavam no isolamento. Ao longo da enseada, nos terrenos baldios, no areal das ruas, o ladrar de rabugentos cães chicoteava o vazio das horas indormidas.

Durante certas noites, encobertas pelas nuvens de chuva as estrelas não apareciam. A atmosfera tornava-se ainda mais pegajosa, salgada,



sufocante. À sombra das barrancas, sob a rasteira ramagem das ingazeiras o rio histórico e provento deslizava. Nas moitas em derredor, escutavam-se assobios, esparsos lamentos, langorosos cantares.

A noite era também assombrada por gritos mais fortes. Alguns, bem temerários, impetuosos. Outros, cheios de surpresa e de espanto, como o de alguém que houvesse saído ao alpendre para ver a lua, e de repente a lua se tivesse apagado.

Notas de uma canção antiga e memorável, saída de um

xilofone, rodopiavam em torvelinho nas lufadas de vento, enleando-se nos ramos sussurrantes do goitizal da Fonte. Não se tratava de uma canção terrestre, como as que são cantadas pelos homens quando enamorados. Mas de uma estranha e remota canção, vinda de um planeta longínquo através do espaço. Na insônia noturna, os homens a escutavam. Semelhava, talvez, uma partitura lunar, de tão sonora e triste. Um concerto, astral, ou mesmo uma sinfonia de Marte. Talvez se referisse ao frescor dos aquosos canais marcianos, executada por

um amante para consolo de uma mulher apaixonada.

À noite, em qualquer parte e para onde se olhasse, o perigo espreitava. Sob o frio brilho das estrelas distantes, a alma infantil se confrangia em sua pequenez, perspirando sobosso, a incapacidade de não compreender um Universo isento de mistério.

Fantasmagórica, supersticiosa, sobrenatural, a vila talvez se resumisse a um mágico elaborar de acontecimentos fantásticos.

De todos os modos, o noturno da vila era encantado. Lobisomens, burras-de-padre, duendes e zumbis trotavam pelas ruas, arrastando correntes e grilhões, seguidos, mais das vezes, duma alcatéia de cães vadios que rachavam, partiam e tiravam lascas da textura escura da noite com o seu ladrar entrecortado de fobias e medos. Em certas noites carregadas de superstições, de lívidos fantasmas, a madrugada surgia como o bálsamo milagroso que aliviava o espanto e o pavor. A alvorada era sempre anunciada pelo canto entrecortado e triste dos galos.

Conversas à meia-voz, cochichadas pelos amantes nas esquinas, pareciam combinar fantásticos efeitos com o marulho do mar rolando na enseada.

Nessas noites tensas, misteriosas, saía a **Procissão das Almas**. Ladainhas e cânticos lamentosos, partidos da fantasmagórica multidão, erguiam-se no ar. As pobres almas seguiam, contritas, o préstito cujas velas eram feitas de tíbias e fêmures humanos dotados de torcida ou pavio que produzia uma luz azulada e tristonha.

O cortejo seguia pela rua principal, depois de deixar o cemitério, a horta pútrida e fria do canteiro arqueológico dos primitivos habitantes do lugar, onde branquicentas ossadas eram arrancados às velhas catacumbas que na vila constituíram a ceifa artesanal, os primeiros trabalhos da morte.

Em cada procissão acontecia um enterro. O velho "caixão da caridade", suspenso pelas alças, seguia a passo lento em demanda da igreja, já então difusamente iluminada. Ali se realizava o **In extremis** por um pároco. As vozes cochichavam, a prédica era sussurrada. Depois da cerimônia fúnebre, a procissão voltava ao cemitério, conduzindo o caixão.

Ao todo descrente desse acontecimento, para ele fantástico, Joaquim Macaxeira, mestre pedreiro e construtor do altar-mor da igreja de Touros, resolveu aguardar uma noite de escuro, que ele julgou propícia, penetrou no cemitério da vila e ali se meteu dentro do "caixão da caridade" que se achava sob a latada em que era guardado. Não precisou esperar muito. Por volta da meia noite, quando só o rumor do vento era escutado, o cemitério encheu-se de vozes sussurrantes. Joaquim Macaxeira ergueu cuidadosamente a tampa do caixão, e o panorama que vislumbrou não foi dos mais agradáveis. Uma multidão ajoelhada orava ao pé dos túmulos. Homens e mulheres vestiam-se de preto, e por mais que examinasse, o astucioso Macaxeira não conseguiu identificar ninguém.

Que gente desconhecida será esta? - ele perguntou, entre intrigado e nervoso. - Isso tá me parecendo assombração. Vou cair fora daqui! - ele disse, e tratou de abandonar o caixão onde se havia ocultado. Tarde, porém, porque quatro fortes mãos o agarraram e o empurraram para o fundo do esquife.

Me acudam! - ele gritou, mas seu grito ficou retido no interior do féretro. - Me acudam! Me acudam! - ele repetiu, sabendo, muito embora, que

ninguém o ouvia.

No cemitério, as vozes entoavam benditos e ladainhas.

Pouco demoreu para que o caixão no interior do qual Joaquim Macaxeira fora encerrado, seguisse, conduzido a passo lento, pela rua. Chegando à calçada do templo, ali foi introduzido através da porta principal e colocado sobre suportes de metal. Mil velas acesas produziam uma luz difusa e azulada e a igreja parecia flutuar solta no espaço. Enquanto seu corpo era encomendado, no interior do caixão Joaquim Macaxeira jurava que havia morrido. Tranquilamente recebeu a extrema unção.

Terminada a cerimônia religiosa, o cortejo das almas regressou ao cemitério conduzindo o caixão com o "defunto" devidamente encomendado. Antes de chegar ao seu destino, quando a procissão já passava rente à residência do tabelião Júlio Maria do Nascimento, João Santana, jovem marítimo que voltava da boêmia, defronta-se com a multidão e tem que se esgueirar para não ser por ela atropelado. Bem próximo a seu corpo passou o esquife conduzindo o capiloso Joaquim Macaxeira. João Santana estranhou que um enterro se realizasse àquela hora e também a razão de não ter identificado um só rosto conhecido naquele fúnebre cortejo. Como gostava de acompanhar os que tinham morrido à última morada, incorporou-se à multidão, mesmo sem conhecer a alma. A procissão deu uma parada e fez uma pausa diante da casa de Maria Corina, que residia perto do cemitério, e que brechava, curiosa, através da porta levemente entreaberta, a tudo observando, como era seu antigo costume. Santana ficou aguardando para ver o que ia acontecer, e viu nitidamente que uma mulher tendo o rosto oculto por um negro véu, deixou seu lugar na multidão e se dirigiu à curiosa, entregando-lhe uma vela enquanto dizia com a voz mais fanhosa deste mundo:

- Minha filha, peço-lhe por favor que me guarde esta vela, que é benta e veio do Juazeiro do Padre Cícero, e é também milagrosa. Amanhã eu venho pegá-la de volta. Pode ser?

- Pois, não, minha senhora - disse-lhe, satisfeita, Maria Corina, pegando delicadamente na vela e se dirigindo para o interior da casa a fim de guardá-la. Quando voltou, já não viu mais o cortejo, e estranhou que o mesmo se tivesse dispersado tão rapidamente. Viu, porém, João Santana sozinho, com as mãos na cintura, olhando através da grade do portão para o interior do cemitério. Teve vontade de chamá-lo para perguntar de quem fora o enterro, mas desistiu porque não pretendia ser vista conversando com um homem, que não fosse o seu, altas horas da noite. Passou a tramela na porta e foi dormir.

O cortejo tinha penetrado o campo santo onde, num túmulo aberto foi depositado o caixão, logo em seguida dispersando-se.

João Santana ficou observando, sem entender direito o ocorrido. Finalmente seguiu para sua morada e dormiu. Acordou pensando que havia sonhado. Mas, por via das dúvidas, resolveu passar em casa de Maria Corina para lhe perguntar sobre a vela que lhe haviam dado para guardar. A mulher só se lembrava vagamente do acontecido.

- De fato, João - ela disse. - Uma mulher da voz fanhosa me pediu para guardar uma vela e eu a coloquei sobre o oratório. - Posso ver? - ele perguntou.

- Pois não, pode entrar. Tá bem ali - disse apontando o oratório, repleto de santos, num canto da sala.

João Santa foi até o oratório e, em ali chegando perguntou: Maria Corina, quedê a vela?

- Tá aí, bem em cima. - Vote! - João se espantou. - Isso é lá vela! Isso aqui é uma canela de defunto! - Ave, Nossa Senhora! - a mulata gritou. - Terá sido assombração?

- Se não foi, tá parecido - disse João Santana. - Agora, vou ao cemitério, para ver se Joaquim Macaxeira ia mesmo dentro do caixão...

Passava, pela calçada oposta, Vicente Pacheco. João Santana o chamou e conversou com ele. Ambos entraram no cemitério para constatar, com enorme estranheza, que José Padeiro, um inveterado pau d'água, dormia a sono solto no "caixão da caridade". Ao ser despertado, e ainda bebaço, o caboclo passou a manga da camisa pelo rosto, limpou os olhos com as costas das mãos, e perguntou:

- Hoje é Sexta-Feira Santa?

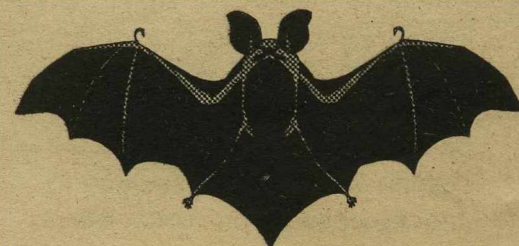
- Não; por que? - a um tempo responderam.

- Tive um sonho engraçado... Sonhei que morria e era enterrado... Era Sexta-feira da paixão... Joaquim de Ana tocava a matraca... Oi! Tô todo ripiado! - disse, um frêmito percorrendo-lhe o corpo.

Uma palidez mortal cobria-lhe a face. Pés e mãos pra lá de frios; seu corpo, como gelo.

Interrogado se tinha visto a procissão noturna, apenas respondeu:

- Vi não; a num sê um movimento, o cemitério burbuiando de gente. Mas eu nem me levantei pra ver dereito.



Josimey Costa

A luz atravessava o veludo por trás das minhas pálpebras fechadas como se ela fosse a própria degeneração do tecido, que se esgarçava aqui e ali, recompondo-se fugazmente e voltando a se esgarçar. Isso doía. Minha boca estava seca e a língua era um corpo estranho. Com olhos cegos, eu via a minha posição, deitada e imóvel. A roupa que eu usava era a mesma de tantas noites. Tudo em volta estava do mesmo jeito de sempre. Ainda assim, nada era igual. Havia uma ausência de ruídos que machucava os tímpanos. E a velocidade da matéria ali estava alterada, as moléculas por sob a aparência imutável tinham enlouquecido e só simulavam normalidade como que para salientar a enorme diferença de sua atual composição.

Eu percebia que respirava. Podia sentir o ar frio penetrando minhas narinas, que o devolviam quente. A respiração para mim se manifestava principalmente pela dificuldade em inspirar. Cada sorvo de ar tinha que descolar os pulmões. Meus braços e pernas pesavam muito, como se sua massa tivesse aumentado mil vezes. Pareciam moldados no chão, unificados ao solo. Tanto que não podia movê-los. Recordei as experiências narradas por pessoas dadas como clinicamente mortas ao voltarem

inesperadamente à vida. Elas viam luz, mas de olhos abertos. Elas flutuavam e observavam, do alto, seus corpos inertes. Mas eu via meu corpo sem sair dos seus limites e sentia-me morta, sabendo-me viva.

Pressenti uma presença muito próxima a mim, embora estivesse fora do alcance da percepção dos meus sentidos. Pressentimento. Antes, eu não poderia conceber como um termo que abrigasse concretamente tanta falta de exatidão e incerteza pudesse ter qualquer relevância. Neste momento, neste meu momento dolorosa e

contraditoriamente solitário, ele era fulcral. Eu não poderia ter a comprovação daquela presença por meus próprios meios, não com aquela espécie de visão incorpórea, nem com a imobilidade que parecia agora meu estado natural. A não ser que acreditasse num presentimento. E essa idéia me apavorava.

Onde estariam todas as minhas âncoras naquele instante? Minhas convicções não estavam me consolando mais. Meus amores, meus ódios, todos ausentes e eu, assim solta por dentro, vivia meu encarceramento absurdo e

absoluto por fora.

Lentamente, algo começou a se dissolver. Eu não distinguia exatamente o quê, mas tinha uma consciência nítida da mudança, a princípio pequena, mas cada vez mais densa e volumosa. Eu não podia ver o que estava acontecendo, embora pudesse sentir. Na verdade, deixar de sentir. Porque eram meus braços e pernas que se dissolviam. Ou era a superfície em que eu estava deitada que se desmanchava e progressivamente passava a me integrar. Eu não

tinha mais nenhuma certeza sobre onde terminava meu corpo e onde começava o que já não era meu. Início e fim deixavam de constituir qualquer sentido. Eu era e não era a um só tempo, sem nunca ter querido isso, sem ter buscado e mesmo tentando evitar da maneira mais intensa que eu podia.

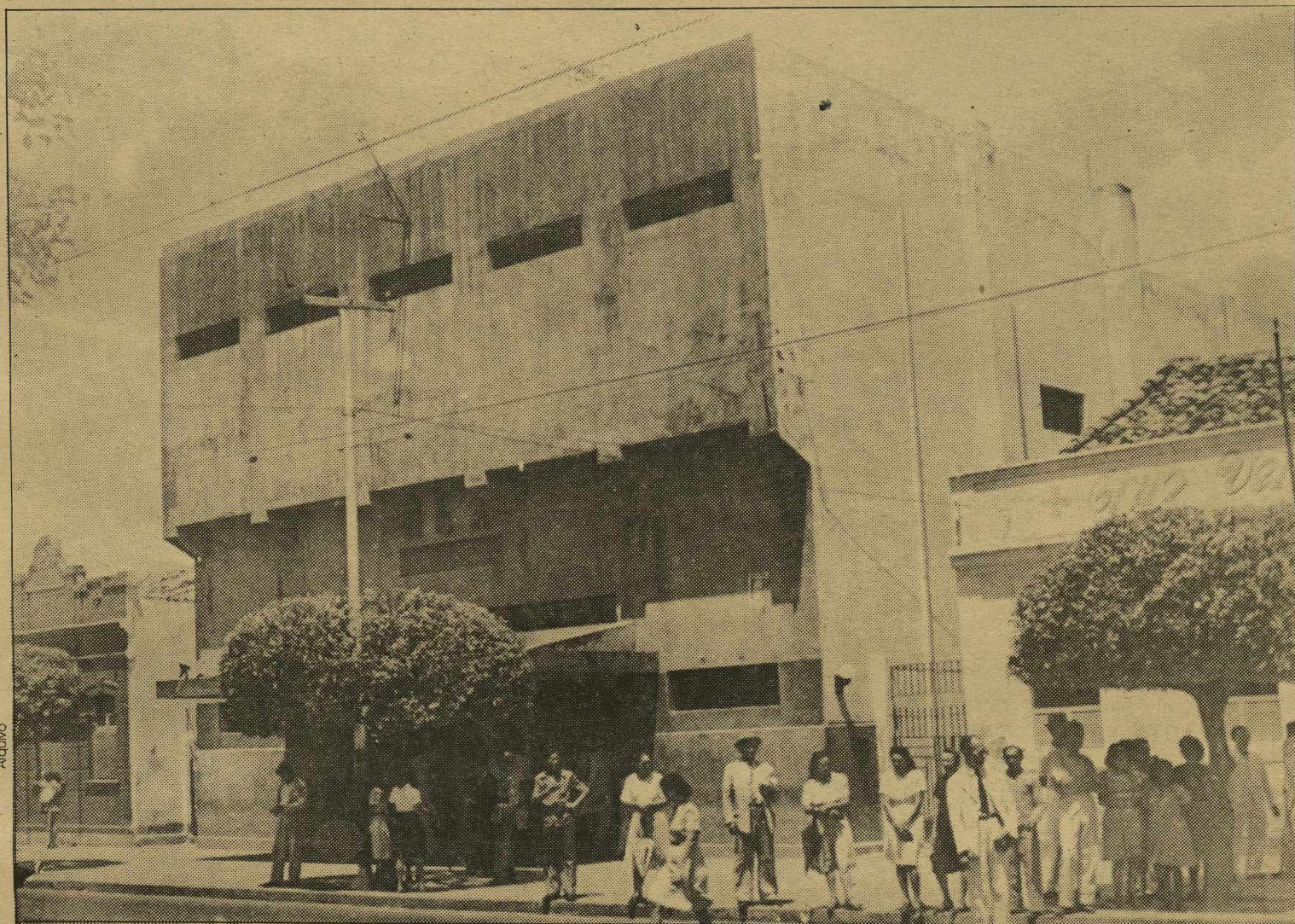
Não sei quanto tempo já passou. Talvez esteja perdendo os últimos resquícios de sanidade mental. A noção correta de tempo é muito importante como atestado dessa sanidade. Só que eu já não me lembro de qual tempo é que devemos ter noção. Também não me percebo mais uma, indivisível e diferenciada. Sou tudo. Isso deve ser também perda de identidade. Porque, simultaneamente, sou esta que reflete sobre a perda. E que conclui que houve uma inversão total. Estou me sentido viva, enquanto me olho, de longe, morta.



DEMÔNIOS COMUNS

Cinema Rex

— Quem se lembra?



Anchieta Fernandes

Quando eu lancei o meu livro “Écran Natalense - Capítulos da História do Cinema em Natal”, em 1992, alguns leitores fizeram uma crítica construtiva, por eu ter dedicado poucas linhas ao velho cinema Rex, que existiu onde hoje é o prédio das Casas Pernambucanas. Realmente. A pressa em acelerar a terminação do livro para mandar para impressão, levou-me a focalizar a história do Rex em apenas sete linhas, na pág. 89.

Mas o Rex teve uma bonita história na vida cultural da cidade. Idealizado e concretizado por Enéas Reis e Francisco Nogueira do Couto (Xixico, conhecido capitalista da época), surgiu quase ao final da década de 30, quando predominavam na cidade os dois cinemas da empresa Irmãos Cavalcanti, o Politeama e o Royal. Estes dois cinemas já estavam marchando para a decadência, pois suas cadeiras eram de pau-setim, muito frágeis.

O Rex seria o primeiro cinema no Grande Ponto, ao lado do prédio da representação da Cruz Vermelha em Natal. Sua planta foi traçada pelo arquiteto Heitor Maia Filho e a construção do prédio esteve sob a direção do engenheiro Omar O’Grady. Seus primeiros projetores eram da marca alemã “Triumphator III” e o equipamento sonoro da marca “Cinetom”. O novo cinema foi inaugurado a 18 de julho de 1936 com o divertimento musical “Melodias da Broadway de 1936”, produção da Metro Goldwyn Mayer, enviada pela referida companhia, por via aérea, especialmente para a inauguração da nova casa de espetáculos cinematográficos de Natal.

Embora uma feliz idéia, os primeiros anos do novo cinema foram de dificuldades para seus proprietários. Segundo depoimento de Enéas Reis ao jornal “A República”, publicado no dia 17 de junho de 1949 (época em que a empresa REX estava se dissolvendo como administradora dos cinemas Rex,

Royal, Rival e São Pedro, ficando apenas o cinema Rex e o São Pedro, - depois o São Luiz - subordinada à Empresa Cinemas Reunidos Limitada, de Lauro Medeiros) - de 1936 a novembro de 1940 jamais conseguiram fazer qualquer retirada para eles mesmos, pois teve meses em que a renda do cinema não deu nem para cobrir o aluguel dos filmes. Mas no quinto ano começou a dar lucro razoável.

Devido isso talvez a boas iniciativas, que iam de encontro à demanda popular. Começou-se por exemplo a trazer os melhores seriados hollywoodianos, além das boas comédias dos irmãos Marx e, no Natal de 1947, exibindo a película brasileira de maior popularidade, "O Ébrio", de Gilda Abreu, com Vicente Celestino no papel principal. Em 1939, exibira pioneiramente em Natal o primeiro desenho animado de longa metragem, "Branca de Neve e os Sete Anões". Apesar de rejeitado oficialmente (convidado para cortar a fita simbólica, o então Prefeito de Natal não compareceu à cerimônia de inauguração do Rex em 18 de julho de 1936, e depois negou-se a conceder uma isenção que Enéas Reis pedia para uma empresa de cultura como era o Cinema Rex), o novo cinema aos poucos foi vencendo, demonstrando seus administradores iniciativas de talento.

Desde o início, sua publicidade nos jornais era

inovadora. Por exemplo, a do dia 07 de outubro de 1937, anunciando em "A República" o filme que o cinema iria mostrar a partir daquele dia, uma quinta-feira. O filme era "Rei dos Reis", de Cecil B. de Mille, e a publicidade saiu em forma de poesia concreta *avant la lettre*: o retrato de Jesus Cristo no centro de uma enorme cercadura na dimensão inteira da página do jornal, em forma de cruz que continha os dizeres anunciando o filme.

A presença cultural do cinema Rex em seus melhores anos pode ser auferida também através de dois fatos. Nos anos 50, a Sociedade Artística Estudantil, conjuntamente com o Clube de Cinema de Natal (uma espécie de pioneiro do cineclubismo em Natal, existindo antes do Cine Clube Tirol, e antes mesmo do Cine-Clube de Natal, do dr. Aldo Medeiros) passou a mostrar em uma semana de cada ano a Semana do Cinema Brasileiro, cujo material eram filmes nacionais documentários, do Instituto Nacional do Cinema Educativo. Pois bem: o cinema que passava estes filmes importantíssimos era o Rex.

Na década seguinte, o Rex seria palco de outra iniciativa marcante: a 16 de fevereiro de 1963, com o filme "Glória Feita de Sangue", de Stanley Kubrick, e para um público de 287 pessoas, começavam as sessões do Cinema de Arte organizadas e selecionadas pelo Cine-Clube Tirol. Apesar de que, faça-se um merecido reparo: o

Cine-Clube Tirol foi injusto com o Rex, pois nos prospectos de propaganda semanal de cada filme que o Cinema de Arte iria mostrar, nunca era publicado o nome do cinema (ao passo que quando o Cinema de Arte passou a ser no Nordeste, no Rio Grande ou no Cine Poti o nome destes referidos cinemas apareciam nos prospectos).

O que é fato é que na tela do Rex o Cinema de Arte pôde mostrar durante muito tempo obras-primas da Sétima Arte, filmes como "Sempre aos Domingos" (Serge Bourguignon), "Umberto D" (Vittorio De Sica), "Uma Lição de Amor" (Ingmar

"Na tela do Rex,
o Cinema de Arte pôde
mostrar durante muito
tempo obras-primas da
Sétima Arte"

Bergman), "Por Ternura Também Se Mata" (René Clair), "O Balão Vermelho" (Albert Lamorisse), "Hiroshima, Meu Amor" (Alain Resnais), "O Salário do Medo" (H. G. Clouzot), "A Doce Vida" (Federico Fellini), "Depois do Vendaval" (John Ford), "Contos da Lua Vaga" (Kenji Mizoguchi), dentre muitos outros.

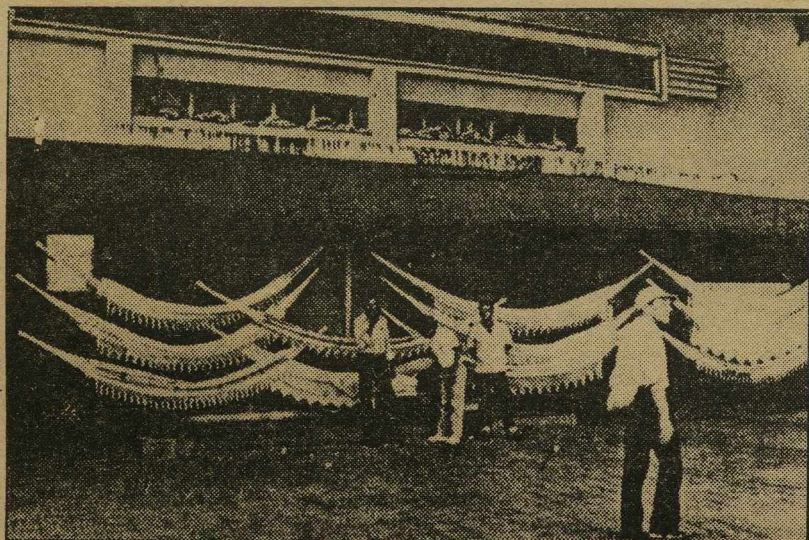
Ainda durante a década 60, e até começos da década 70, fora do Cinema de Arte, o Rex mostrou algumas obras-primas (por exemplo, "Traffic ou As Aventuras de Mr. Hulot no Tráfego Louco", de Jacques Tati, em 1972), e outros filmes que, embora não obras-primas, também não eram ruins; eram agradáveis e bem conduzidos, como por exemplo, "Meus Dois Carinhos" (George Sidney), "Testemunha de Acusação" (Billy Wilder), "Matemática Zero, Amor Dez" (Hugo Christanson), "Bebete Vai à Guerra" (Christian Jacques), "O Nosso Homem em Havana" (Carol Reed).

Por toda a segunda metade dos anos 70 e começos dos anos 80, chegou a crise, para o Rex e outros cinemas. A pouca renda nas bilheteria (e mesmo essa pouca tendo que pagar obrigações empregatícias e para os cofres públicos) associada à era do vídeo-cassete, que facilitou muito a visão de filmes em nível privado, acarretou uma quebradeira geral de cinemas. O Rex resistiu até 1984, apelando, nos seus últimos dias. Filmes de sexo explícito ("Noite das Taras", exibido no Rex e no Nordeste, em 1980, bateu em Natal o recorde da bilheteria da fita nacional "O Rei dos Trapalhões", que trazia o prestígio dos comicos da televisão) e de lutas marciais orientais (aquelas de Kung Fu, onde o "herói" mata uns 50 adversários, de pernada a braçada, em poucos segundos) passaram a ser a constante na programação, para ver se o público voltava a sentar nas cadeiras do velho cinema da Av. Rio Branco.

Não deu. Uma tentadora oferta de compra do prédio, feita a Luiz de Barros, o último proprietário do Rex, foi levada a nível de concretização. Em 1984, as Casas Pernambucanas compraram o prédio. A última sessão do cinema Rex foi a 30 de julho de 1984, exibindo o filme "A Morte em Minhas Mãos", feito em Hong Kong pela dupla de irmãos Rumne e Run-Run, da Show Brothers Company. Uma pena que um cinema que começou com música e passos de balé tenha terminado com gritos de fúria e saltos exage-rados para desencadear a violência. Talvez a rapaziada e moçada que entra hoje no magazine em frente à cigarreira Tio Patinhas, para comprar um perfume, um tecido para roupa, um eletrodoméstico, ainda se lembre de um sonho colorido visto em algum desenho disneyano, em alguma das manhãs da infância numa cadeira na salinha escura do Rex.

Anchieta Fernandes é jornalista e crítico literário.

Labim/UFRN



Sobre os tapumes de madeira, que as Lojas Pernambucanas colocaram em frente ao prédio comprado do Rex, camelôs colocava, redes, em 1984.

Cardo Grosso

Manoel Marques da Silva Filho

Valdemar e Mané Osório iam puxando a rede ponto por ponto quando avistaram uma pessoa solitária que descia o rio. Valdemar arrepiou-se um pouco quando notou na canoa a figura fria de Cardo Grosso. Era um homem alto e magro, sempre de chapéu, de palha na cabeça e com dois olhos gelados de lâminas de punhal.

O povo de Barreiros, há cinco anos, quando Cardo Grosso chegou ao lugar, via aqueles olhos de forma diferente, olhar de timidez, talvez até de bondade. Era um homem calado e de uma calma total, pausado nos gestos até para beber cachaça. Sua mulher, gorda e gasguita, falava pelos cotovelos e dobrava o pescoço em demoradas gargalhadas. Mas isso há até coisa de um ano após sua chegada ao lugar. Hoje era calada e temerosa, nervosa e insegura.

Quando tomaram casa na localidade, tinham um ano de casados e Dona Diva, esse era o seu nome, além das características alegres, era também muito exigente e brigona com o marido, por essa época conhecido por João Paulo, pois ainda inexistia o apelido de Cardo Grosso. Brigava por tudo, porque o marido tossia alto, porque roncava de noite, porque bebia cachaça, porque ia, porque não ia, por todos os motivos. Os olhos de João Paulo, enquanto a mulher dizia-lhe desaforos, ficavam parados, contem-

plando algum ponto, quase sem bater. Os desaforos sempre aumentavam porque ele nada respondia e aquilo a irritava muito mais.

sua orelha na mão do marido. Sempre calado, João Paulo derramou um vidro de mercúrio cromo em uns trapos,

que deixa o cardo muito mais grosso!

A orelha de Dona Diva sarou e depois disso jamais se ouvia sequer a mesma resmungando algo com o marido. Teve muita vontade de ir embora, mas o medo não recomendou tal atitude. Quanto a João Paulo, menos na sua frente, todos o conheciam como Cardo Grosso.

Três semanas depois do acontecido, um desavisado achou de lhe dizer algumas gozações. João Paulo, já Cardo Grosso, encarou o sujeito com seus olhos frios, puxou a faca e partiu de encontro a ele, que conseguiu escapar.

A partir desses acontecimentos, ninguém viu mais naqueles olhos expressão de bondade e mansidão, e agora todos o evitavam, menos sua mulher, com medo de perder também a língua...

No rio, Cardo Grosso passou por Valdemar e Mané Osório e numa atitude muda tirou o chapéu e balançou a cabeça, cumprimentando-os. Como vai, seu João Paulo? Disse Mane, Osório, continuando o seu ofício com o mangote. Valdemar apenas repetiu o seu gesto, levantando o chapéu.

- Sujeitinho estranho. Comentou Mané Osório...



Ilustração: Aucides Sales

No entanto, como tudo tem limites, certo dia, chegando Dona Diva em casa, tendo ido pegar umas "unhas de velho" na maré, uns tipos de crustáceos parecidos com sururus, verificou que não tinha qualquer mistura para botar no feijão. Nem meio quilo de bucho ou de tripa de cava ou um pedaço de jabá. como ia ficar sem gosto o feijão! Quando João Paulo chegou, foi sob uma saraivada de gritos que ela o recebeu, dizendo-lhe que não botaria nenhum feijão no fogo se ele não fosse imediatamente arranjar alguma mistura. Feijão puro, só um porco como você come! Bradou raivada. O até então João Paulo, com sua brandura de olhar, aproximou-se da mulher vagarosamente, deitou-a ao chão de barro batido e prendeu-lhe as mãos. Com um só golpe de faca amolada cortou-lhe a orelha direita. Um frio intenso encobriu o corpo de Dona Diva quando viu a

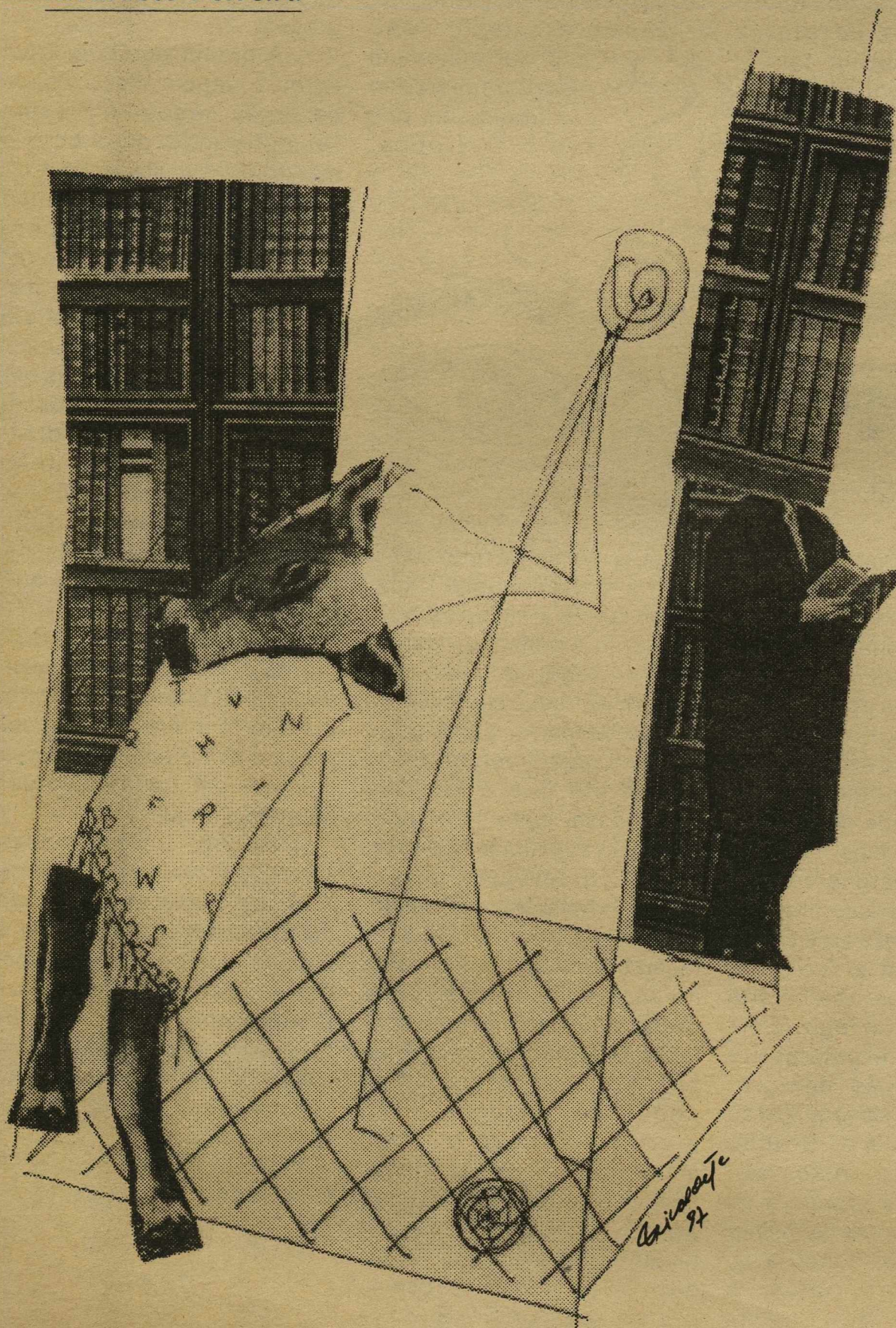
deitou a mulher na rede com a orelha cortada para cima, colocou os trapos no fermento e caminhou para o lado do fogão a lenha. Ali, jogou meio quilo de feijão na panela de barro, água, sal e deitou a orelha dentro. Ficou em pé até que a feijoada cozinhasse, ouvindo o choro pavoroso da mulher e contemplando a fervura, com o mesmo olhar parado e brando, calmo, sereno. Quando o feijão cozinhou, sentou-se na mesa e comeu um enorme prato daqueles grãos com farinha. Quanto à orelha, ficou por último. Cortou-a em pequenos pedaços e foi mastigando cada um com meia garrafa de cachaça, calado, olhando para a mulher que a essa altura gemia baixinho, apavorada. Terminado o último pedaço da orelha, sempre fitando a mulher, resmungou manso e pausado: - De outra vez que você reclamar de mim eu vou comer feijoada com língua.



Manoel Marques da Silva Filho é pedagogo e prepara seu primeiro livro de contos.

Quatro Poemas

Nivaldete Ferreira



I

Desescrever segundo
Um mínimo lance de dedos,

Glumas que rebentam
No corpo desidratado
Do (in)verso

Desescrever é de quem deseja
Nem sempre ser poeta
Mas entre folhas secas
Ervecer...

II

(meus heróis literários
são toureiros de banheiro
lutando contra somente
a toalha...)

III

Os assaltantes do espírito

eles te rodam rodam
no carrossel dos medos
até a tontura

depois, suaves,
te amarram à bússola dos mortos
e ainda tens de entregar alguma coisa...

(então entrega a sandália tonta,
nunca o sonho)

IV

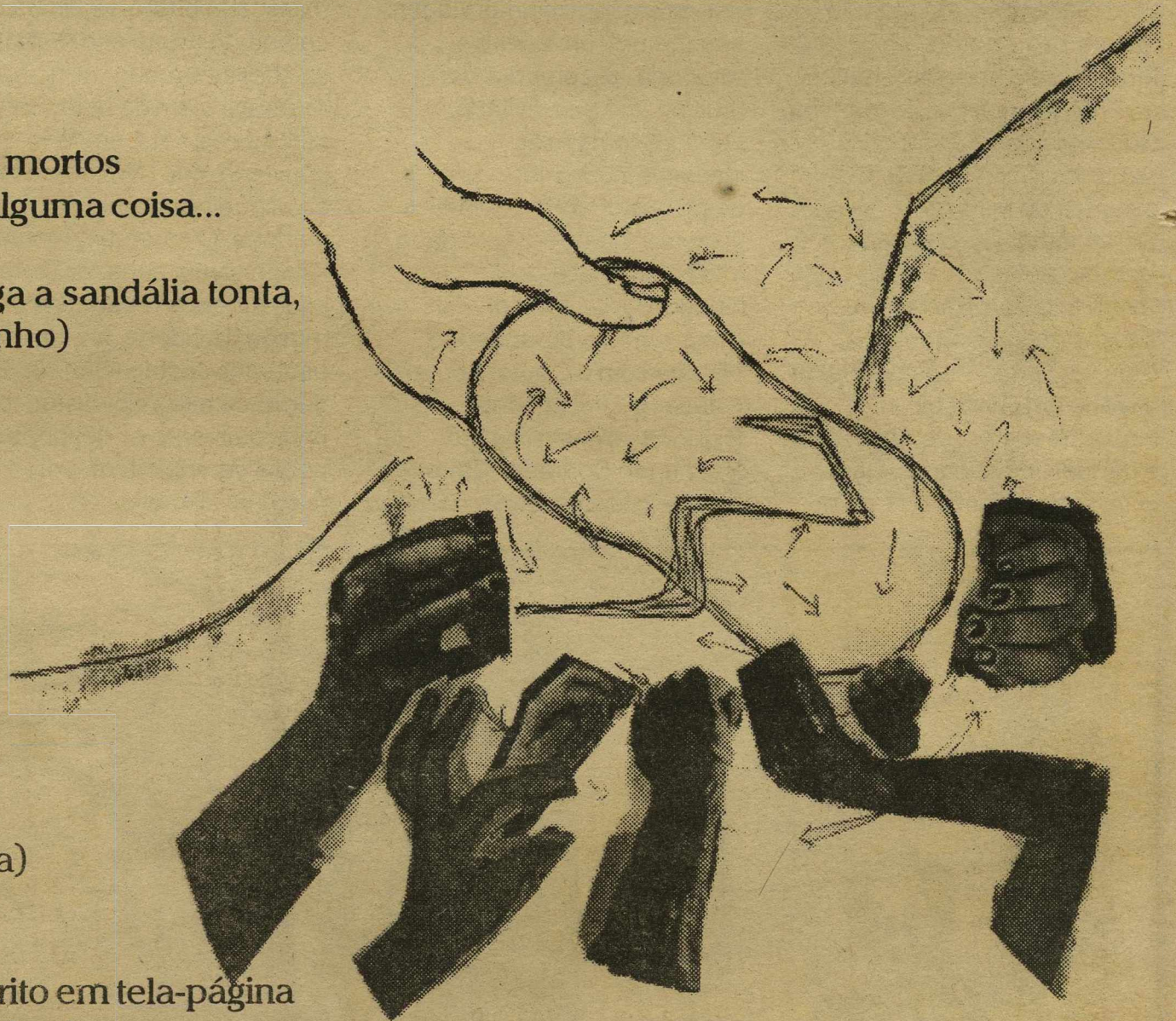
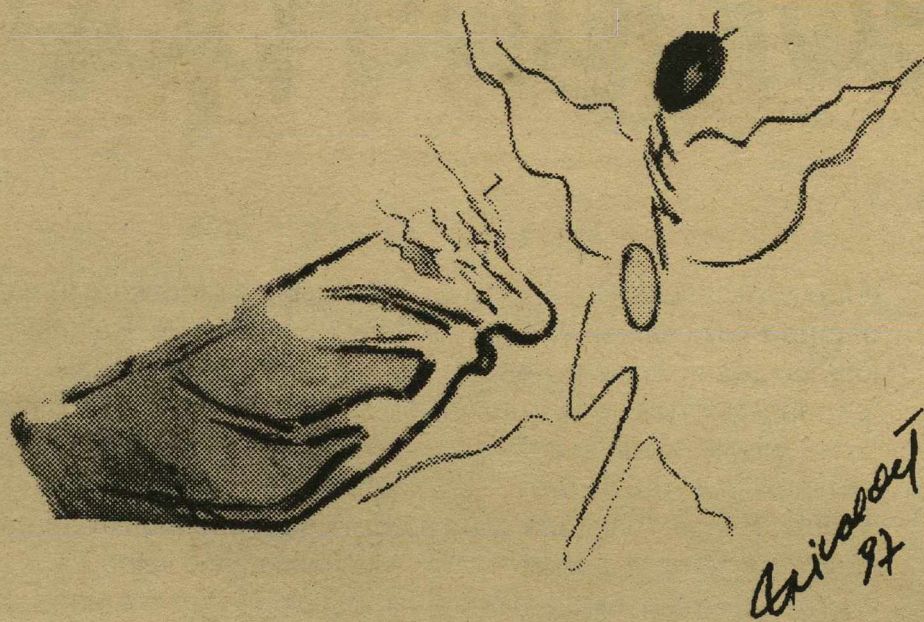
Era
De exausto (lit)erário...

(Era preciso era imprecisa)

Era inépica
Era do amor ex-crito/ex-grito em tela-página
-Delete esse beijo internetizado,
Meu computAMOR!

Era uma vez
A bela poesia e a (f)era net...

O resto não sei. Estou saindo...



Museólogos populares

Gutemberg Costa

(Parte I)

Eles não têm formação universitária, mas são possuidores de uma forte paixão pela história.

Tratam "suas" peças e relíquias históricas como um bom pai trata de seus filhos. Vigiam 24 horas "seus" museus com muito mais cuidado do que os seguranças da Casa da Moeda. São homens simples que renegaram os prazeres da vida e seguem um árduo sacerdócio em defesa da cultura e da história.

Geralmente quando morrem, é que são lembrados pelos que vivem fora da comunidade desses museus populares. Eles, os verdadeiros heróis da história em vida, sofrem incompreensões de familiares e daqueles que por inveja ou ignorância cultural, os tratam

com o descaso mais degradante possível. Vão lutando quanto podem, esses "sertanejos fortes" e tal qual um Dom Quixote, lutam sozinhos sem auxílio amigo de um Sancho Pança. A história, para eles, será sempre a doce amada Dulcinéia, estejam onde estiverem. Em minhas viagens sempre procuro ouvi-los, fotografá-los, embora os "cultos" do lugar visitado venham com um ar discriminatório me desaconselhando: "Não é historiador, não fez faculdade, não são museólogos..."

Quando visito Mossoró/RN, fico horas e horas aprendendo história com o Doutor honoris Causa da Universidade Regional, o ilustre amigo Raimundo Soares de Brito. Para felicidade nossa, o Museu

Municipal de Mossoró tem em seus quadros um "Raibrito". Imagino-o, vendo jornais "velhos" sendo vendidos no peso. É de matá-lo de um enfarte, podem crer.

Em Pedro Avelino/RN, temos que consultar o velho museólogo Pedro Antas sobre o passado pedro-avelinense ou cometer o grandioso erro de sair desinformado. O melhor de Arez/RN, além da belíssima fachada de seu cemitério, é um papo com seu "Nô", museólogo e tenente reformado da marinha. O tenente Clidenor de Lima Galvão, construiu com seus próprios recursos o museu da cidade, aonde podemos destacar inúmeras peças de alto valor histórico, principalmente as dezenas de peças de arte sacra, por exemplo. O museólogo

Clidenor Galvão, casado com dona Maria de Lurdes, respondeu as minhas curiosas indagações: - E o prefeito? - "Não paga nem a energia..." E as diretoras das escolas? "Nem visitam..."

Deixei a rua Pe. Pinto, 298, em Arez/RN, com uma promessa pra seu "Nô" - Se um dia tiver oportunidade vou denunciar isso na imprensa natalense e contar nas cartas pra meus amigos de outros Estados. Quando sei que um estudioso do cangaço vai a Serra Talhada - Pernambuco, dou logo um conselho - visite o museólogo José de Souza Magalhães, o expedicionário "Dezinho", que conserva em sua casa um verdadeiro museu com peças históricas da região do Vale do Pajeú. Recentemente em companhia de um grupo de



O pesquisador Gutemberg Costa (D) ao lado do museólogo popular José de Souza Magalhães, o expedicionário Dezinho, na cidade de Serra Talhada, interior de Pernambuco. Nessa Cidade Dezinho mantém em sua casa um verdadeiro museu com peças históricas da região do Vale do Pajeú, de fundamental importância para os estudiosos do cangaço.

Acervo fotográfico do museu da Cidade Pernambucana de Sertânea, onde avultam cenas do cangaço, movimento social que conflagrou o interior de Pernambuco e se estendeu aos demais Estados do Nordeste como reação à concentração de terra, ao coronelismo e outras instituições arcaicas subsistentes nessa região.

Arquivo Gutemberg Costa



estudantes de Mossoró levei-os até o museu de Dezinho, o museólogo sertanejo está com 76 anos de idade e um vigor cultural de um professor de história de 20 anos.

Alguns anos atrás, eu chegava em Sertânea - Pernambuco, em companhia



Pesquisador Raimundo Soares de Brito

dos pesquisadores Filemon, Kydelmir, e Paulo Gastão e deparamos com o museu da cidade, propriedade do museólogo José Ramos de Almeida, à época com 79 anos e ainda liderando o famoso grupo de Bacamarteiros de Sertânea. Lá também saí triste com o que confidenciara "Seu Bacamarteiro" - O prefeito não paga sequer um vigia e o velho guardião da cultura dorme em meio ao mais rico acervo histórico daquela região, situado à rua Floriano Peixoto 244.

Certa vez tive uma grande surpresa, quando entrei no Museu da Cidade de Triunfo em Pernambuco e vi uma foto minha na parte destinada ao cangaço. Imediatamente perguntei a secretária de cultura Diana Lopes, que me acompanhara: Quem trouxe esta foto? E ela rindo respondeu-me: Foi Paulo Gastão.

No ano de 1992, chegando pela manhã em Alto Alegre - Canudos, no sertão baiano, solo da mais sangrenta

guerra social do nosso país, fui imediatamente conversar com o museólogo e pescador Manoel Travessa, que em seu Museu de Canudos foi mostrando-me carabinas, oratórios, lanças, barril de pólvora alemão, cascas de balas, recuperadas com sua arte de pescaria na submersa Canudos de Antônio Conselheiro. Após a minha visita ao custo de cinquenta centavos, fui conversar com Manoel Travessa em frente ao museu e ouvi o seguinte desabafo do museólogo: "Doutor, faço tudo isto porque gosto do passado e amo o meu povo e sua história. O senhor veja só, um holandês veio até aqui cheio de dinheiro e botou uma fortuna nisso tudo o que junto desde moço e eu mandei ele comprar museu na casa da mãe dele". Deixei Canudos e o museu de Manoel Travessa com vontade de escrever ao Presidente da República e ao ministro da Cultura, para agraciar Manoel Travessa com a maior comenda que um brasileiro merece, quando dá a

vida pela cultura e a história do país. O que um holandês de doutorado quis comprar, continua até hoje sem vigia, guardado em um casebre de telha e em total descaso do nosso Governo Federal, comandado por um intelectual eleito e sonhando ainda ser reeleito. Se Euclides da Cunha (1866-1902) tivesse conhecido Manoel Travessa quando de sua ida a Canudos para suas anotações e conclusão de sua magistral obra "Os Sertões" (1902), com certeza teria acrescentado àquele final inesquecível de seu livro: "Canudos não se rendeu (Manoel Travessa resistiu em nome do povo). Resistiu até o esgotamento completo, na frente dos quais, rugiam raivosamente cinco mil... é que ainda não existe um Mandsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades..."

Gutemberg Costa é pesquisador-escritor e membro da Comissão Estadual do Folclore/RN.

Autoretrato com variações



Henrique José é reporter-fotográfico e trabalha com imagens digitais na Zoon Fotografia.

<http://www.digi.com.br/clients/zoon/zoon.htm>

Imagem Digital obtida através de scanner do rosto, manipulado no Photoshop e impresso em laser.